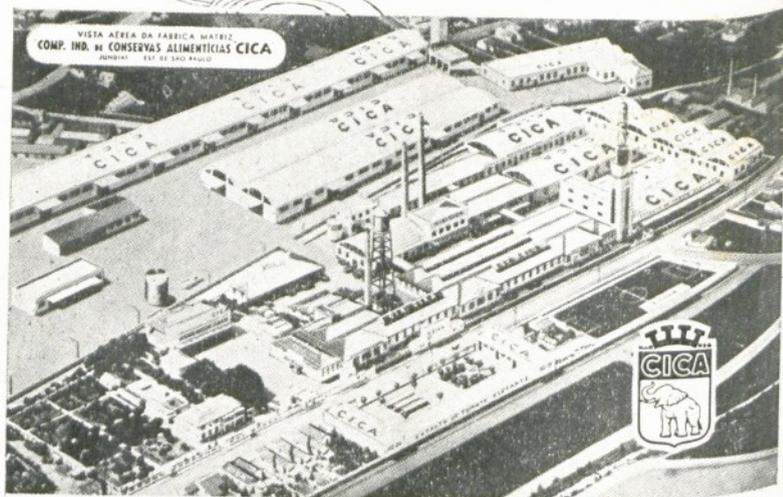


MILITIA

ANO XIV — SETEMBRO/OUTUBRO — N.º 91



A maior e mais moderna
fábrica de conservas alimentícias
do **BRASIL**



VISTA AÉREA DA FABRICA CENTRAL
NA CIDADE DE JUNDIAÍ

* A CICA POSSUI MAIS
3 FABRICAS REGIONAIS
EM DELFIM MOREIRA,
MONTE ALTO E MOGI MIRIM.



* SE A MARCA É "CICA" BONS PRODUTOS INDICA *

SUMÁRIO

Diretoria do Clube dos Oficiais da F.P.	3
EDITORIAL	4
Saudação aos compa- nheiros do Sul	6
10 dias que abalaram o Brasil	9
Fala a imprensa	13
Proclamação do emt. Mo- ojen aos milicianos do Brasil	19
Embarque do Batalhão de Operações da Brigada Militar	22
Missão cumprida	26
Policciamento civil e o po- licciamento militar	28
Palavras aos homens do fogo — cel. Tisiano Fe- lipe Leoni	22
A guisa de um programa de relações públicas — maj. Teodoro N. Sal- gado	42
Dai a Cezar o que é de Cezar — Plirts Nebó	48
A Brigada e o policia- mento — cel. Heitor Oliveira	52
Noticias das Co-irmãs — Francisco V. Fonseca	54
Aniversário do Btl. de Guardas	73
30 dias na R.P.	75
Homenagem ao ten. cel. Jaime Santos	76
Cangão do 11.º B.P. — cap. Antonio Mendes	78
Salmo — cel. Alfredo Fei- jó	79
Publicações Recebidas	80
Expediente	81
Nossos correspondentes	82

CLUBE DOS OFICIAIS DA FÔRÇA PÙ- BLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Diretoria para o biênio 1961-1962

PRESIDENTE

Cel. José João Batal

1.º VICE-PRESIDENTE

Major Oswaldo Feliciano Santos

2.º VICE-PRESIDENTE

Major Dr. Alberto Figueiredo Duarte

SUPLENTE

Major Walter Vieira Tosta

1.º SECRETARIO

1.º Ten. Jatyr de Souza

2.º SECRETARIO

2.º Ten. José Luiz Mesquita Prado

SUPLENTE

2.º Ten. Paulo Tenório da Rocha Marques

1.º TESOUREIRO

Cap. Ricardo Gonçalves Garcia

2.º TESOUREIRO

1.º Ten. Raul da Luz

SUPLENTE

Asp. Flávio Vaz

1.º GESTOR DO PATRIMÔNIO

Cel. Cecilio Amaral Costa

2.º GESTOR DO PATRIMÔNIO

Cap. Hélio Guaicuru de Carvalho

SUPLENTE

2.º Ten. Ibraim José Bezerra Leonel

ORADOR

Cap. Sérgio Vilela Monteiro

SUPLENTE

2.º Ten. Biratan Godoy

Editorial

Está em foco a necessidade de reformulação básica da vida nacional.

Todos reclamam a providência como medida de salvação pública. Alguns o fazem por ideal; outros, argutos, porque se convenceram da impossibilidade de defender o atual estado de coisas. Mas, boa parte — não raro dominante — acena com a medida e põe-na em destaque com o propósito oculto de desmoralizá-la frente à opinião pública. O que desejam os integrantes desse grupo, em realidade, é a continuidade do sistema vigente, do qual são os maiores beneficiários.

Diante, porém, do quadro sócio-econômico atual e das dificuldades que assoberbam o povo, a consciência renovadora ganhou os núcleos populacionais.

Impõe-se agora estabelecer vigilância para que a mistificação, o engodo, a corrupção e o embuste não frustem ou deturpem o objetivo.

O aqodamento de certos setores e indivíduos, das chamadas classes conservadoras — cuja ação sempre se dirigiu no sentido dos próprios interesses — agora transformados em arautos da nova ordem social, deve ser recebido com a maior cautela e sob reserva.

Cuidado com os que proclamam a necessidade de regulamentar-se a remessa de lucros para o exterior, mas quando o projeto caminha — com deficiência, embora — ao invés de corrigí-lo com emendas, se entregam a caríssimas cam-

panhas publicitárias para combatê-lo e destruí-lo. Da mesma forma se comportam quando se discute a reforma agrária, a assistência à lavoura ou a encampação pelo governo, de atividades essenciais ao público. Confundem, propositadamente, concessões disparatadas — exploração de serviços de transportes urbanos, telefônicos, de energia, de gás — com a defesa da importância da iniciativa privada...

No entanto o vital para tôdas as reformas sadias é pôsto em olvido. Em verdade, nada será melhor, enquanto tivermos congressos, assembléias e câmaras instituídos sob a força do poder econômico e não raro da corrupção.

Antes de tudo é imprescindível a reforma da lei eleitoral. E a isso poucos dão a devida ênfase. O essencial é que se democratize, realmente, o processo eleitoral, evitando influências nefastas de uma minoria privilegiada.

O primeiro passo nesse caminho será a instituição da representação distrital, para que os partidos tomem mais cautela na seleção de seus candidatos e para que se liquide a influência de cabos eleitorais nefastos, disseminados a serviço dos que pretendem eleger-se à custa de fortuna. O povo, sequioso por bem escolher, terá, então, a oportunidade de conhecer melhor os homens públicos regionais, que lhe disputam o voto.

Por certo essa reforma não estará interessando a muitos dos componentes de nossos congressos e assembléias. Ela seria a impossibilidade de sua reeleição...

Façamos, pois, a companhia de esclarecimento público para a boa escolha de nossos representantes, nas eleições gerais de 1962.

Só depois da compreensão popular e da decisão consequente, poderemos contar com reformas sadias, de interesse social profundo e genuinamente democráticas.

Aos bravos companheiros do sul
defensores indômitos da lei
o abraço comovido
dos milicianos paulistas

Ao Rio Grande do Sul
baluarte da legalidade
palco da epopéia farrroupilha
o eterno reconhecimento
do povo de São Paulo

Ao governador Leonel Brizola
ao general Machado Lopes
ao coronel Diomário Moojen
nosso preito de admiração

Ao brigadiano desconhecido
ao peão do Pampa
aos heróis obscuros
da resistência democrática
a nossa gratidão
e uma promessa de luta
por um Brasil melhor
velho sonho revolucionário
de PIRATINI e PIRATININGA!



Durante 10 dias, o Brasil viveu momentos de angústia. Chefes militares manifestaram-se contra a posse do presidente constitucional, após a renúncia do sr. Jânio Quadros. Seu substituto legal, o sr. João Goulart, achava-se no desempenho de missão oficial no exterior. Tentaram impedir, não só a posse, mas até a entrada do novo presidente no território nacional. Mas o povo brasileiro disse não. O Rio Grande do Sul preparou-se para defender a Constituição, ainda que fôsse com o derramamento do próprio sangue. E a legalidade foi mantida. Os primeiros a cerrar fileiras em tórno da bandeira da lei fôram os brigadianos. Um dêles, nosso correspondente cap. João Aldo Danesi, acompanhou os acontecimentos do comêço ao fim. Agora, lembra-os para conhecimento do leitor.

Escreve de P. Alegre
João Aldo Danesi
correspondente de MILITIA

10 dias que abalaram o Brasil

Retrospecto de
uma epopéia

Todos os brasileiros foram colhidos de surpresa com a inesperada renúncia do presidente Jânio Quadros. Mal refaziamos-nos do trauma, eis que notícias provindas da capital federal nos colocavam no estado de ânimo anterior com a propalação do veto dos ministros militares à posse do vice-presidente João Goulart.

Ao tomar conhecimento da disposição de não permitir que o vice-presidente assumisse suas funções constitucionais, o gov. Leonel Bri-

zola levantou a bandeira da defesa da Constituição, que estava ameaçada de ser rasgada. O Palácio Piratini transformou-se na «Cidade da Legalidade». O Regimento Bento Gonçalves, Unidade a que está afeta a segurança do Palácio do Governo, transportou-se inteiramente para a sede do poder Executivo, tomando dispositivos de defesa de toda a área onde estavam instalados os três poderes estaduais.

Barricadas

Barricadas fôram levantadas pelo III Exército, na área onde estavam localizados os Quartéis Gerais do III Exército, 3.a RM, 6.a DI e Brigada Militar.

As emissoras fôram lacradas; sômente a Rádio Guaíba permaneceu no ar, porque fôra requisitada pelo Governo do Estado, passando as transmissões a ser feitas do subsolo do Palácio Piratini, apelidado, dias após de «subterrâneo da legalidade».

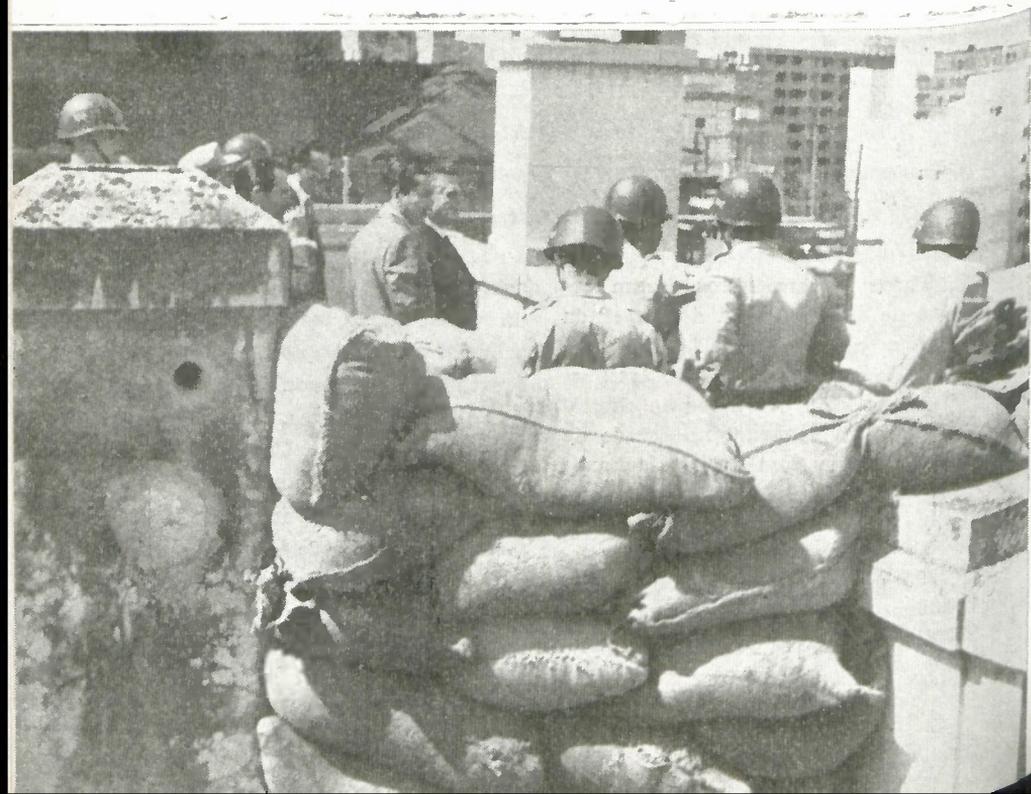
Veemente discurso foi proferido pelo gov. Brizola, pelas ondas da Rádio Guaíba denunciando ao povo gaúcho o propósito dos três ministros em não dar posse ao presidente

constitucional, ao mesmo tempo que conclamava o povo gaúcho a se unir em tórno da legalidade. Este discurso foi gravado e retransmitido periodicamente.

Anunciava-se um iminente ataque ao Piratini e o governador volta a falar ao povo reafirmando seu propósito em não abandonar seu pósto e lutar até o fim.

Na madrugada de 27 para 28 de agosto, tanques do 2.º R. Mot. Mec. tomavam posição na av. Mauá, 3.º mesmo tempo que o III Exército informava sua disposição em substituir as tropas da BM, que ocupavam as tórras da Rádio Guaíba (única emissora no ar) e a Cia. Telefônica Nacional.

O chefe do Executivo riograndense inspeciona as barricadas erguidas pelos brigadianos para defender o Palácio Piratini.



Tensão

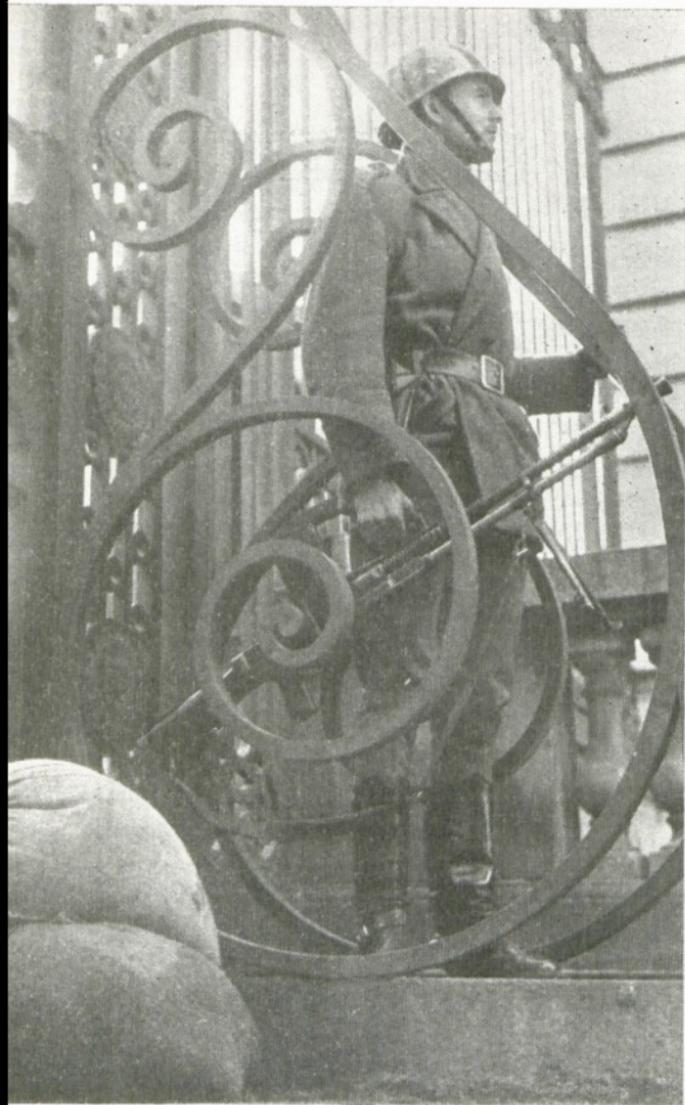
Tudo indicava que naquela manhã de 28, algo haveria pelo ambiente psicológico reinante. Nas primeiras horas do dia, o cel. Diomário Moojen, comandante geral da BM, faz uma visita ao gen. José Machado Lopes, comandante do III Exército, sendo informado por s. exa. que o III Exército não dispararia o primeiro tiro. Momentos depois o gov. Brizola, através das ondas da Rádio Guaíba, revela ao povo as mensagens trocadas entre o ministro da Guerra e o comandante do III Exército, no sentido de silenciar a voz do governador. Exortou o povo, fez sentir a hora grave; pedia às professoras que enviassem as crianças para as suas residências; declarou que não abandonaria o Palácio; fez sentir que talvez aquela fôsse a última vez que se dirigiria ao povo; por isso, despediu-se do povo gaúcho, numa alocução emocionante, ouvida em todos os quadrantes do Rio Grande. Mal o governador concluía sua oração, dois oficiais superiores do III Exército chegaram apressadamente ao QG da Brigada Militar e informaram, ao cel. Moojen e oficiais que se encontravam em seu gabinete, que o comandante do III Exército «havia recebido uma ordem do ministro da Guerra, mas que resolvera não cumpri-la». Não foi revelado que ordem era, mas não foi ne-

cessário; todos os presentes adivinharam o que seria.

Emoção

Cenas emocionantes se sucederam no gabinete do comandante geral da BM; oficiais do Exército e da Brigada abraçaram-se mutuamente. De agora em diante, contamos com um poderoso aliado: o III Exército. Fêz uso da palavra o cel. Moojen, fazendo sentir aos dois oficiais portadores da boa nova que outra decisão não esperava de s. exa. o gen. Machado Lopes, senão a de colocar-se ao lado da legalidade, em defesa dos postulados constitucionais. Ato contínuo, chega ao gabinete do cel. Moojen, o cel. chefe da E/2 do III Exército, ratificando a informação pelos do's majores presentes.

Enquanto isso se passava no QG da Fôrça, no Palácio Piratini, que se havia transformado em verdadeira cidadela sitiada, reinava grande nervosismo. Visivelmente preocupado com as palavras do governador Brizola, chega ao Palácio d. Vicente Scherer, arcebispo metropolitano, que desde o início da crise acompanhou de perto os acontecimentos, quase que fixando residência no Palácio Piratini. Nesse interim anunciava-se a chegada do gen. José Machado Lopes; o nervosismo redobrava. O ambiente tranqüiliza-se no momento em que se sabe da verdadeira posição



briga
diano
senti
nela
da le
galid
ade

do III Exército: está com a legalidade e não cumprirá ordens do ministro da Guerra. Após esse encontro histórico, as duas autoridades aparecem numa das sacadas do Palácio Piratini sendo, ambos, vivamente aplaudidos pela multidão aglomerada na praça da Matriz. A seguir, o governador e o gen. Machado Lopes rumam para o QG do III Exército.

Aplausos

A tarde, a Assembléa Legislativa realiza uma sessão solene de

aplausos à atitude assumida pelo governador do Estado e pela decisão do III Exército. Foi também enaltecida a Brigada Militar Militar, que desde o primeiro instante da crise esteve integralmente ao lado do governador, em defesa da Constituição.

Dêsse dia em diante, a ligação entre o III Exército e a BM tornou-se mais constante, através das 2.ªs secções do EM, em troca mútua de informes.

Cadeia da legalidade

No dia imediato a esses acontecimentos, dia 29, a situação passou a ser de expectativa; entretantes, instala-se nos porões do Palácio Piratini a «Rede Nacional da Legalidade», composta de emissoras da capital e do interior, que voltaram a funcionar, entrando em cadeia, formando a rede que ultrapassou as fronteiras do Estado.

Uma verdadeira avalanche de Comitês de Resistência Democrática começam a formar-se na capital e no interior. Voluntários inscrevem-se nos Comitês, dispostos a todo o sacrifício em prol da legalidade. Não foram, porém, fornecidas armas a quem quer que seja; apenas os voluntários que se alistavam recebiam um cartão contendo sua colocação no organismo de um Batalhão.

No QG da BM, dia e noite, apresentavam-se os inativos da Fôrça, desde coronel até soldado. Uma comissão constituida por oficiais inativos, nomeados pelo cel. Diomário Moojen, instala-se numa das dependências do ENG, relacionando os apresentados.

D. Vicente Scherer faz várias proclamações ao povo, dizendo que deve assumir o governo quem tiver direito.

O Brasil se agita

Apesar das comunicações com o centro estarem interrompidas, tinha-se conhecimento da saída do ex-presidente Jânio Quadros do Brasil, a bordo do navio «Uruguai Star»; que, em Brasília, a Câmara dos Deputados rejeitara a proposta de «impeachment» de João Goulart por tre-

zentos contra doze votos; que o deputado Rui Ramos pedira ao presidente interino Raineri Mazzilli que prendesse o mal. Denys; que gaúchos estavam sendo presos na Guanabara; que o Escritório do Rio Grande do Sul havia sido vasculhado em Brasília, etc.

Vários boatos correm celeremente pela cidade, inclusive que o gen. Cordeiro de Farias achava-se clandestinamente no Estado.

Resistência

No dia 30, o Gen. Machado Lopes envia mensagem aos Cmts. dos I, II e IV Exércitos, comunicando a resolução do III Exército de apoiar integralmente a Constituição vigente. O gen. Cordeiro de Farias é nomeado comandante do III Exército; entretanto, o gen. Machado Lopes, em resposta ao radiograma em comuncava a sua nomeação e consequentemente a sua viagem para o sul a fim de assumir o Comando, disse que, se viesse ele o prenderia.

Medidas de segurança, visando defender a cidade contra qualquer ataque, passaram a ser tomadas pelo III Exército. O grupo anti-aéreo de Caxias do Sul deslucou-se para Porto Alegre, tomando posição em pontos estratégicos para a defesa contra qualquer ataque aéreo.

A Brigada Militar permanece coesa em torno do seu comandante geral, em defesa da legalidade. Telegramas, fonogramas e radiogramas chegam a todo o instante de tôdas as unidades e destacamentos do interior do Estado, dando ciência do estado de ânimo da tropa e seu desejo de defender a qualquer preço o Código Supremo da Pátria, bem como comunicavam apresentações dos

elementos inativos das respectivas localidades. Mensagens chegam ao QG, de todos os recantos do Estado, de congratulações ao comandante geral, pela conduta mantida naquela crítica fase por que passou nosso país.

O cel. Moojen faz proclamação a todas as Polícias Militares, dando ciência da atitude assumida pela Força Pública e concitando os milicianos de todo o Brasil a tomarem a mesma posição em defesa dos postulados consagrados na nossa lei suprema.

Chega o presidente

Em Pôrto Alegre, aguardava-se com ansiedade a chegada do presidente constitucional do Brasil. Sabia-se de sua viagem de Paris a Montevideu. No dia 31, às 21,35 horas, chega a nossa capital, procedente do Uruguai, o Sr. João Goulart, sendo ovacionado por cerca de 70 mil pessoas que se comprimiam entre o Palácio Piratini e o Teatro São Pedro.

O ten. cel. av. Alfeu Monteiro, que havia assumido o Comando Interino da 5.a Zona Aérea e pacificado a tropa, cujos ânimos estavam exaltados pela tentativa de bombardeio da cidade por alguns oficiais, enviou telegrama ao ministro da Aeronáutica, desligando-se daquele ministério.

Prontos para a luta

Dispositivos de defesa do território do III Exército são tomados. Deslocam-se tropas para o interior dos Estados do Paraná e Santa Catarina pela BR/2.

A Brigada Militar é convocada a cooperar na defesa do litoral gaúcho e fronteira com Santa Catarina. Em menos de 24 horas foi organizado um Batalhão de Operações sob o Comando do maj. Eraclides Tarragô e constituído por elementos do 1.º Batalhão de Guardas (ex-1.º BC), alunos do 3.º e 4.º anos do C.F.O., elementos do 3.º Batalhão Policial (ex-3.º BC) uma cia. do 4.º Batalhão Policial (ex-5.º BC) de Montenegro; uma cia. do Serviço de Engenharia e um Contigente de Saúde, fornecido pela Diretoria de Saúde.

O Contigente da Polícia Militar Gaúcha, constituindo o Batalhão de Operações, deslocou-se no dia 2 de setembro, para a região de Tôres, com a missão de barrar qualquer incursão no eixo Torres- P. Alegre e exercer a vigilância do litoral gaúcho, não permitindo o desembarque de tropas da Marinha nessa Região. Durante 9 dias, esteve o Batalhão enquadrado na 6.a DI sob o comando do gen. de bda. Sílvio Américo Santa Rosa.

CENTRO DE ESTUDOS MÉDICOS

O Centro de Estudos Médicos da Força Pública de São Paulo está interessado no intercâmbio técnico-profissional e cultural com as organizações congêneres e oficiais médicos das Polícias Militares.
Correspondência: Rua João Teodoro, 307 — SÃO PAULO, SP.

Compromisso de sangue

Cena digna de citação foi a que se passou no pátio do 1.º BG, momentos antes do embarque. O maj. Tarragô dirigese a tropa, que passou a comandar, nestes têrmos: «Caso seja desfechado um ataque ao nosso Estado, nossa missão será de guerra. Missão perigosa, que, por enquanto, ninguém será obrigado a cumprir. Esperamos que nossas autoridades consigam manter a paz e a ordem em nossa República. Caso isso não seja possível, é provável que tenhamos que derramar o nosso sangue numa guerra civil. Quem não quiser seguir par frente, pode sair de forma. Alguns tem familia numerosa e outros compromissos. Enquanto não houver luta que obri-gue ao cumprimento do dever, o Comando da Brigada não tomará nenhuma medida punitiva, contra aqueles que não quiserem ir.»

Ninguém moveu um só músculo, isto é, as fileiras permaneceram firmes!

«Vocês sabem honrar as tradições de nossa querida Brigada Militar! foi a expressão do cmt. Tarragô, co ma voz embargada pela emoção.

Apesar do mau tempo reinante e das deficiências peculiares da região, o pessoal do Batalhão manteve-se sempre com a moral elevadíssima e satisfeito por estar prestando um serviço relevante em prol da constituçio-nalidade do país.

Paz

Mas, eis que tudo volta a calma; o presidente João Goulart e o gen. Machado Lopes acatam a decisão do Congresso, que aprovou o regime parlamentarista. João Goulart toma posse em Brasília e as tropas do III Exército e Brigada Militar permanecem em suas posições até ao dia 9 de setembro. D'a 10, pela manhã, o Batalhão de Operações da Brigada Militar dava entrada em Pôrto Alegre. Cansados, pelos dias em que enfrentaram as imtempéries e os trabalhos de uma vigilância contínua

durante 9 dias, os milicianos gaúchos desfilaram em contenência ao gov. Leonel Brizola e cel. Diomário Moojen, comandante da Fôrça, ao longo da av. Borges de Medeiros, sendo vivamente ovacionados pela multidão que se comprimia nas calçadas para assistir ao regresso dos brigadianos. Comandante, oficiais, cadetes, subtenentes, sargentos, cabos e soldados, imponentes e orgulhosos desfilaram diante das autoridades e do público, que afluíu à av. Borges, naquele domingo de sol.

Frente ao quartel do 1.º BG, outra recepção; desta feita eram os familiares dos expedicionários que os esperavam. Mães, espôsas, filhos, noivas namoradas irmãs abraçavam comovidamente seus antes queridos. Cena profundamente emocional foi a que se passou diante do 1.º BG na chegada do Batalhão. Nessa oportunidade, o cmt. Tarragó despede-se de sua tropa, seguindo os elementos para as suas unidades.

Os componentes do 4.º BP, ao chegarem em Montenegro, foram calorosamente recebidos pelas autoridades e o povo montenegrino.

No dia 15 de setembro, o gen. Santa Rosa, vivamente entusiasmado pela atuação do Batalhão de Operações, visitou o quartel do 1.º BG, sito à praia de Belas, onde foi reconstituído o Btl. de Operações. S. exa. teve oportunidade de dirigir-se à tropa, dizendo da sua satisfação em ter comandado elementos da Brigada Militar. Nessa oportunidade fez questão que fôsse lido o officio que dirigiu ao cel. Diomário Mojen, versando sobre a conduta do Btl. Tarragó (*)

O gov. Brisola, entusiasmado pela atuação da Fôrça, naqueles dias conturbados que abalaram nosso país determinou que no dia 20 de setembro, data em que se comemora a epopéia Farroupilha fôsse organizado um monumental desfile em que tomassem parte também unidades do interior do Estado.

Realizou-se, assim, na data Farroupilha, ao longo da av. João Pessoa um grande desfile, tomando parte o CIM (Corpo de Cadetes); o 1.º BG, que reconstituiu o Batalhão de

Operações; 1.º BP «Pedro e Paulo»; o 3.º BP; uma companhia do 2.º BG, de Santa Maria; um esquadrão do 1.º Regimento de Polícia Rural Montada, de Santa Maria (Abas Largas); O Regimento Bento Gonçalves, com um Esquadrão Hipo e um Moto; a Cia. de Manutenção e Transportes e o Corpo de Bombeiros. Tomaram parte ainda a Polícia Rodoviária; um contingente da Guarda Civil; vários Centros de Tradições e os Batalhões de Legalidade.

O desfile foi assistido pelos governadores Leonel Brisola, do R G S, e Mauro Borges Teixeira, do Estado de Goiás, e por parlamentares dos Estados de São Paulo e Goiás; comandantes III Exército, 5.ª Zona Aérea e Brigada Militar; d. Vicente Scherer e autoridades federais, estaduais e municipais e uma multidão incalculável, que aplaudiu o desfile do início ao fim entusiasticamente.

Coesão

Fato notório, nesse episódio, foi a absoluta coesão do povo gaúcho. No RGS, desapareceram os partidos políticos. Cíveis e militares se confraternizaram pelo mesmo ideal: a legalidade. O clero, encabeçado por d. Vicente Scherer, uniu-se ao governador do Estado, em defesa da Constituição.

Inverdadeiras foram as informações de muitas emissoras do Estado da Guanabara de que o líder comunista Luís Carlos Prestes se encontrava em P. Alegre, tomando parte ativa no movimento legalista. O sr. Prestes nem sequer passou pelo RGS.



O melhor presunto
faz o melhor
NATAL!

Na festa maior da família,
o prato de honra
é o tenro, apetitoso
e suculento

Tender Made

SÓ WILSON É TENDER MADE!

Aqui se transcreve publicação de
um órgão da imprensa brasileira

HERÓIS BRIGADIANOS

O povo é soberano e ninguém pode condená-lo pelas atitudes que toma. Ele sente os seus problemas e age de conformidade com sua maneira de sentir. Ele decidiu, em Passo Fundo, com os estudantes à frente, que não ouviria a Luis Carlos Prestes. E assim foi feito.

Agora, passada a tempestade, voltemos à paz. Combata-se o comunismo, mas respeitemos a pessoa dos comunistas. Sem que sejamos comunistas, muitos deles são nossos amigos e, pessoalmente, são dignos de toda consideração. Eles fazem parte da nossa vida social e sofrem conosco estas horas incertas. Sejamos cristãos agora mais do que nunca. Que a nossa harmonia não seja perturbada.

Quero prestar minha homenagem aos brigadianos, patrioticamente comandados pelo bravo e íntegro cel. Francisco Samuel JoFRE Tomatis. Graças à disciplina heróica daqueles soldados, não lamentamos hoje o pior.

Ali estavam para garantir a ordem, no meio de uma população amotinada. Estavam a cumprir o seu dever. E, no meio do tumulto, tudo fizeram para que a ordem fôsse mantida. Foram insultados e agredidos. Mas não revidaram à altura das agressões e dos insultos. O próprio povo que os hostilizava acabou por manifestar o seu respeito e admiração por esse pugilo de bravos. Os passofundenses compreenderam o valor e o desprendimento desses heróis autênticos.

Sacrificaram-se, olhando o bem do nosso próprio povo. Se um dos soldados, tão gravemente ofendido e golpeado, disparasse um só tiro, haveria uma hecatombe em Passo Fundo. Não se poderia prever a quantidade de mortos e feridos. A cidade hoje estaria em luto.

Mães e espôsas passofundenses! Rendei vosso tributo ao soldado brigadiano! A ele deveis a vida dos que vos são caros. Tributai-lhe a vossa gratidão!

Diante de ti, brigadiano passofundense, diante da tua renúncia, vejo, sem dúvida, a enormidade da minha fraqueza e pequenez...

J. E. CAFRUNI

"A pátria está atenta e inquieta e de nós tudo espera, inclusive nosso próprio sangue, eis que a ela tudo se dá e nada pede."

Proclamação do cmt. Moojen aos milicianos do Brasil

Aos Nobres Camaradas de tôdas as Polícias Militares do Brasil

Ante a grave ameaça que está pairando sôbre a vida política da Nação, sentimos o dever de nos dirigir aos dignos camaradas de tôdas as Polícias Militares do Brasil, a fim de concitá-los para, unidos, inspirados em um mesmo sacrossanto ideal, darmos combate sem tréguas a todos que tentarem violar a ordem constitucional vigente, que obriga todos os cidadãos, permitindo-lhes a tranqüilidade necessária ao trabalho construtivo, que forja a grandeza da Pátria.

As conseqüências catastróficas que poderão advir de qualquer violação constitucional não podem ser olvidadas. E o povo não a deseja; contrariamente a repele. Mesmo assim pretende-se macular a vida política nacional pelo desrespeito à sua lei Maior, à nossa Constituição Federal.

A paixão e o personalismo aliados estão obliterando o discernimento de alguns homens públicos, esquecidos de que, acima de tudo, devem pairar os supremos interêsses da Pátria, sendo possível, até, que não vacilem em lançá-la à desordem, à anarquia, ao caos da guerra civil, o que significa o derramamento inglório do sangue generoso de irmãos.

Nesta hora incerta, cumpre dediquemos tôdas as nossas energias a fim de que seja evitada uma calamidade que colocaria a nossa Nação, aos olhos do mundo como um triste conglomerado humano, indigno de es-
truturação política, e cuja vocação para o servilismo venceu os melhores exemplos da sua própria história.

E', pois, com justificada emoção que nos dirigimos aos nossos dignos camaradas, irmãos nas alegrias e nos sofrimentos, nos sacrifícios e na renúncia, esparramados nos mais longínquos rincões do nosso País, incompreendidos por vêzes, mas que sempre estiveram dispostos a tudo dar de si para a grandeza da Pátria comum, alertando-os sobre os perigos que pairam sobre a República, pois a situação, que sentimentos descontrolados a estão submetendo poderá levá-la para dias imprevisíveis.

Grandes são as nossas responsabilidades neste instante. Necessário é que nos unamos e lutemos, pois a Pátria está atenta e inquieta e de nós tudo espera, inclusive nosso próprio sangue, eis que a ela tudo se dá e nada se pede.

Os nossos antepassados esperam que deles sejamos dignos, não fraudando as suas esperanças, nem maculando seus sacrifícios, pois somente assim não mereceremos terrível anátema das gerações futuras, que serão nossas julgadoras inexoráveis.

Temos certeza, entretanto, prezados e dignos camaradas, das boas e das más horas, que, irmanados, não permitiremos que a mortalha da tirania cubra a nossa geração do opróbrio, que só merecem os que nasceram com a vocação para o servilismo.

A Pátria está em perigo, nobres companheiros de sacrifício. Lavremo-la, então, dedicando-lhe o melhor de nossas energias, ofertando-lhe inclusive a própria vida, para evitar a sua desonra, pois preferível é morrer a viver aviltado sob os grilhões da tirania.

Temos certeza, entretanto, que os arautos da degradação e do caos não conseguirão levar a cabo o trágico objetivo que só poderá fascinar espíritos conturbados.

A ordem jurídica que nos rege será preservada, custe o que custar. Unamo-nos com êsse objetivo, pois unido também aqui se encontra o glorioso III Exército para a defesa e garantia das instituições democráticas, indo de encontro às esperanças do povo, que deseja paz e tranquilidade e não desordem, anarquia.

Meus dignos e prezados camaradas! Só um caminho temos a seguir nesta emergência: respeito incondicional à lei — garantia intrasigente da ordem.

A êle, pois, meus nobres e prezados companheiros.

Tudo pela integridade da nossa Constituição.

Pôrto Alegre, 30 de agosto de 1961.

Diomário Moojen — Coronel
Comandante Geral

Para os meus...

LEITE NINHO

- o melhor
do mundo!

Ninho é leite puro saboroso e integral, produzido com o melhor leite fresco de saudáveis rebanhos, sem adição de agütes conservadores. Por isso, mantém inalteráveis as vitaminas, proteínas, gorduras, cálcio e outros sais minerais próprios do melhor leite natural. Ao dar Leite Ninho aos seus, tenha a certeza de que lhes está dando o melhor e mais saboroso leite do mundo!



Diga V. também: para os meus... **LEITE NINHO**

À venda em latas de 454, 1.000 e 2.000 g (pêso líquido)



NI-L.P.147/60

ACÚCAR
União

DUPLAMENTE
FILTRADO

ADOÇA MAIS!

Embarque do Batalhão de Operações da Brigada Militar

1.º ten, Walton Pontes Carpes

«Batalhão, sentido! Batalhão descansar!...
Meus camaradas!

A nossa Fôrça está empenhada na manutenção da ordem e da lei! Ainda não estamos em missão de guerra. Mas, se necessário fôr, empenhar-nos-emos nela com todo fervor. Ninguém de nós está obrigado a participar da operação que se vai realizar. Muitos têm família numerosa, que não tem a quem apelar na ausência do respectivo chefe. E' provável que tenhamos que derramar nosso sangue, empenhados numa guerra civil. O senhor comandante geral da Brigada Militar não tomará qualquer medida punitiva contra quem se recuse a partir hoje. Aquêles que desejarem ficar em Pôrto Alegre, dêem um passo à frente!...»

O batalhão vai seguir para a frente.
O major despece-se do cel. Bivadávia Jardim, chefe do SI, e do major Pedro Celoni Simões Pires Garcia, chefe do ga-

Assim se expressou o major Heraclides Tarragô, dirigindo-se ao Batalhão de Operações, que comandou e que se encontrava formado à frente do Quartel do 1.º BG, aguardando ordem de partida.

Ninguém moveu um só músculo!

A resposta, já a conhecia o major Tarragô! Todos desejavam partir! Mesmo os que deviam ficar, por necessidade do serviço!

Emocionado, com os olhos marejados de lágrimas, a voz conturbada pela emoção, disse o major Tarragô:

«Vocês sabem honrar as tradições de nossa querida Brigada Militar!...»

Retirou-se, a seguir, para não chorar...

A tropa foi mandada permanecer «fora de forma», a fim de aguardar o momento do embarque.

Viaturas estacionadas ao redor do Quartel...
Dezenas de familiares... Borborinho e lágrimas...
Discussões em torno da situação...

Jovens oficiais, cadetes, alunos-sargentos, praças de fileira e especialistas, todos, movidos por um mesmo impulso patriótico e unidos pelo mesmo ideal, preparam-se para partir rumo ao objetivo da Unidade. A LEGALIDADE precisa ser mantida!

binete do Comando Geral Ao fundo,
oficiais do batalhão, prontos para o
embarque



Aproxima-se a hora do embarque!...

Aquêles cujos familiares lá compareceram estão fazendo suas despedidas. Recomendações ... Votos... Orações... Pranto... E vibração, muita vibração!...

Quem está só, sente-se invadido por uma nostalgia má, que perturba por instantes, mas que, a seguir, se submete ao império da vontade de servir à causa do Rio Grande e da Pátria. A LEGALIDADE precisa ser mantida!

O pensamento se volta para a família ausente: o pai, a mãe, os irmãos... «Protejei-os, meu Deus!»

Volta à realidade pelo toque de corneta que chama a tropa à formatura geral.

Movem-se os brigadianos, agitam-se as famílias e dispõem-se as viaturas.

Vem a ordem de embarcar.

Todos em seus lugares, segue-se a ordem de partir. E lá vão os bravos brigadianos... Alegres, cheios de entusiasmo, sem se deixar levar pelo pensamento do que lhes possa acontecer, apenas o move o desejo de um Brasil soberano, democrata e livre! Ide brigadianos! Ide e mostrai que ainda sois os mesmos! A Pátria vos será agradecida, mais tarde!

Até a volta! Quando regressardes, estaremos de braços abertos à vossa espera! O Rio Grande confia em vós e em vós deposita a confiança de que sabereis honrar a gloriosa tradição de que sois possuídos! Até a volta, brigadianos!

Deus vos guarde e proteja! Até a volta.



ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o, insubstituível

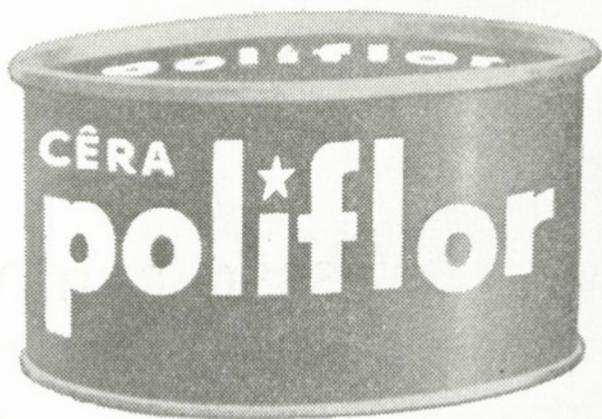
AMIDO DE MILHO

MAIZENA

MARCA REGISTRADA



uma cêra nobre...



...um produto **NUGGET**



PÊSO LÍQUIDO
454 grs - 1 Kg - 2 Kgs

LEITESOL

INTEGRAL engorda e fortalece
DESNATADO fortalece sem engordar
É MAIS SAÚDE EM CADA COPO!



COMPANHIA BRASILEIRA DE LEITE E CAFÉ SOLÚVEL "LEI-CAF"
Av. Rio Branco, 1727 - Fones: 52-1119 - 52-1110 - Rede Interna - S. Paulo

Missão cumprida

1. Tendo sido colocado sob o nosso comando em 2 set. 61, o 1.º BG da BM, cumpre-me fazer uma apreciação, ao término da recente situação, do que foi a atuação dessa brava unidade da gloriosa e tradicional BM ora sob a direção competente e patriótica de VS.

2. Devo iniciar declarando que a 6a DI viu com satisfação e irreprimível orgulho a presença, entre as suas unidades e seus homens, desse conjunto harmônico e dotado de espírito de luta que é o 1.º BG sob o comando do maj. HERÁCLIDES TARRAGÔ. Dificilmente poderíamos contar com elementos de tanto valor, tão afeitos a situações críticas pela sua própria missão e tão conhecedores da área em que deveriam ser empenhados.

3. Com efeito, Sr. Cel. Comandante Geral, o desempenho veio confirmar a previsão e os augúrios. Em 2 set. 61 o Btl. TARRAGÔ, como o passamos a denominar, recebeu, dentro da conjuntura vivida entre 25 ago. e 9 set. último, a delicada missão de: "DESLOCAR-SE MOTORIZADO PELA BR-59, PARA A REGIÃO DE TÔRRES. MANTENDO, EM OSÓRIO, UM ELEMENTO DE COBERTURA FACE À DIREÇÃO TRAMANDAÍ-OSÓRIO. DESTACAR UM ELEMENTO DE VIGILANCIA DO LITORAL, NA REGIÃO DE CAPÃO DA CANOA. EM TÔRRES, BARRAR NO CORTE DO RIO MAMPITUBA QUALQUER PENETRAÇÃO PARA O SUL, FICANDO EM CONDIÇÕES DE ACOLHER, NESSE CORTE, O 1/18 RI QUE ATUAVA NA DIREÇÃO TÔRRES-TUBARÃO. MANTER O CAMPO DE POUSO E A LOCALIDADE DE TÔRRES, VIGIANDO O LITORAL. EXECUÇÃO IMEDIATA". Em poucas horas,



Missão cumprida, o batalhão regressa.

o 1.º BG estava cumprindo sua missão, perfeitamente adaptado às técnicas operacionais indicadas e ao sistema geral da condução logística das operações. O flanco das nossas ações e as nossas comunicações e movimentos estiveram seguros até o momento de, por término de missão, ser desfeito o dispositivo, com o regresso no dia 10 set., da brava tropa a PÔRTO ALEGRE.

4. Cumpre-me, nesta oportunidade, fazer chegar a VS e sua corporação o meu louvor entusjástico pela disciplina, bravura, abnegação, fidelidade no cumprimento da missão, do 1.º BG e as minhas referências especiais à capacidade de comando, à decisão pronta, energia e alto senso do dever, do maj. HERACLIDES TARRAGÔ, que poderá fazer extensivas estas referências a todos que, a seu critério, se destacaram na delicada missão recebida nos recentes acontecimentos de 25 ago. a 9 set. 61, em que lutamos por um ideal que representava a fiel interpretação das aspirações do nosso povo, qual seja a manutenção intangível da Constituição da República.

5. Agradeço a VS a colaboração recebida e a pronta atenção às nossas solicitações, decorrentes das operações comuns empreendidas, declarando-lhe, finalmente, que fica no nosso espírito indelével impressão desses contactos com a briosa Brigada Militar, que tem estado sempre presente nos grandes e decisivos momentos do Rio Grande do Sul.

(a) *Sylvio Américo Santa Rosa*
Gen. Bda. Cmt. da 6a DI

E o Rio Grande continua de pé

A vida nacional voltou ao ritmo de antes. Nas coxilhas do Pampa e nas cidades gaúchas, novamente, o povo trabalha em paz. E os brigadianos continuam a velar pela tranquilidade pública.

Mas não é só. Fiéis ao espírito que presidiu aos trabalhos do II Congresso Brasileiro das Polícias Militares, realizado em São Vicente, batem-se pela definição de funções. Sua arma é a lei. É a Constituição, em cuja defesa ofereceram o sacrifício da própria vida. Para melhor defendê-la, estudam-na. Analisam-na. E defendem o ponto de vista miliciano à luz dos textos legais, como o

ten. J. A. L. Dutra

escrevendo

Policiamento civil e o policiamento militar

O Poder de Polícia e as atribuições da Polícia Civil e da Brigada Militar — A necessidade de definição das funções Policiais da Brigada face os textos legais.

O fundamento das instituições democráticas é a defesa das liberdades humanas: liberdade de consciência, liberdade de opinião e de sentimento; liberdade de expressão; liberdade de associação. Liberdade de gostos e de o-

cupações. Nenhuma sociedade será livre se nela não se respeitarem essas liberdades. Mas se a sociedade democrática deve proceder à defesa das liberdades do indivíduo, deve também exercer o seu poder sobre o indivíduo.

mesmo contra a vontade dele, a fim de evitar que, excedendo-se no uso das liberdades, venha a causar danos a outrem.

Apesar de ser o homem um ser eminentemente social, desde os primórdios dos aglomerados humanos se vem buscando formas de regular as atividades do indivíduo dentro da estrutura social, a fim de que este não ultrapasse o seu círculo de liberdade prejudicando ao seu semelhante. Daí o surgimento das atividades de policia, e a subsequente delimitação e exercício de um PODER DE POLÍCIA. Esse PODER DE POLÍCIA vem através dos séculos sendo exercido de diferentes formas, definindo-se em leis que, regulando e limitando as ações do indivíduo, estabelecem sanções. Define-se pois, PODER DE POLÍCIA como "a faculdade que tem o poder público de fazer o indivíduo cumprir com o dever geral que tem para com a sociedade".

Atualmente, no nosso País, as liberdades atribuídas pelo regime democrático aos indivíduos são expressas num capítulo da nossa Lei Maior; sob o título: DOS DIREITOS E DAS GARANTIAS INDIVIDUAIS, e o PODER DE POLÍCIA é dividido entre o Legislativo, o Executivo e o Judiciário; estabelecendo as normas de convivência no âmbito social e fiscalizando e reprimindo os excessos.

A função de policia é exercida de duas maneiras: preventiva e repressivamente, ou seja, prevenindo, evitando que o crime se consuma ou, se já consumado, buscando os culpados e punindo-os. Daí as duas formas de policia: POLÍCIA PREVENTIVA, OSTENSIVA OU ADMINISTRATIVA e POLÍCIA REPRESSIVA ou JUDI-

CIÁRIA. Se ambas são importantes, a primeira o é mais, visto que "mais vale prevenir do que curar"; mais vale evitar um crime do que punir um criminoso; porque a punição de um criminoso não faz reverter, nem anula os efeitos do crime cometido. Ora, o PODER DE POLÍCIA cabe ao Estado, e o Executivo detém em suas mãos o exercício desse poder (Art.º 233.º da Constituição do Estado). O Executivo exerce, em sua plenitude, as funções de *policia preventiva* (pois o Estado tem a obrigação de tornar efetivas as garantias individuais) e, em colaboração com o Poder Judiciário, as funções de *policia judiciária ou repressiva*. Em *colaboração*, porque a policia não julga, nem aplica sanção penal, mas apenas, cometido o crime, busca o culpado e procede ao inquérito, o qual serve como peça inicial para formação do processo penal. No inquérito a policia judiciária aponta à justiça o culpado mostrando as provas que contra ele existam.

Nessa divisão de funções policiais é que a Brigada Militar procura se situar, reivindicando para si a função de *policia preventiva ostensiva*, DE FATO e DE DIREITO, resguardando-se para a Policia Civil a função de policia judiciária, que lhe cabe como auxiliar da Justiça. Assim sendo, dentro de uma harmonia que a própria Constituição preconiza, caberia à Brigada Militar, *organizar, planejar, dirigir, executar e fiscalizar* o policiamento preventivo-ostensivo, isto é, o policiamento de rua. Seria visto então o soldado brigadiano (isolado ou em dupla) espalhado pela cidade, dirigido pelos graduados e fiscalizado e orientado pelos oficiais, prevenindo e evi-

tando que os crimes se consumassem; e a Polícia Civil, através dos Delegados, Comissários, Escrivães e Inspetores, investigando os crimes já consumados, procurando seus autores, colhendo dados, buscando pistas, examinando indícios, fazendo os inquéritos e encaminhando-os à autoridade judiciária; além de realizar ainda certas formas de policiamento especializado quais sejam: polícia técnica, polícia política, etc; atendendo aos setores de Ordem Política e Social, Economia Popular, Estrangeiros, Investigações, Defraudações, etc. Isso seria "dar a César" o que é de César" e não o querer militarizar a Polícia Civil; colocar agentes civis a comandar frações de tropa militar (como acontece no interior do Estado). Andarem policiais civis empunhando cassetetes, revólveres, metralhadoras portáteis, pistolas de gaz, e qualquer dia até "bazooka"!... nem o Brigadiano a andar investigando crimes, ou prestando serviços burocráticos em repartições civis!...

O chefe natural e de DIREITO das funções de polícia judiciária deve ser o Delegado de Polícia e os seus auxiliares os escrivães, comissários e inspetores de polícia e o chefe natural e de DIREITO das funções de polícia preventiva-ostensiva deve ser o oficial da polícia-militar e os executantes os soldados e graduados da Brigada Militar.

Nada há de anormal, ilegal ou inconstitucional no fato de se atribuir à Brigada Militar o *planejamento, orientação, execução* e, principalmente, DIREÇÃO do policiamento preventivo-ostensivo, pois como ramo do Poder Executivo (que para isso está preparado, como muito acertadamente ilus-

tre deputado em sessão da Assembléia Legislativa do Estado, do dia 2-6-61 fez ver a seus pares, quando foi retirado o projeto Sereno Chaise) os poderes que lhes são atribuídos são oriundos da mesma fonte que os atribuí à Polícia Civil, e para confirmar esta assertiva, ai estão Polícia Civil e Brigada Militar sob uma única orientação e supervisão que é a da Secretaria da Segurança Pública.

A tarefa é apenas harmonizarem-se os poderes que o Executivo confere aos seus órgãos executantes — considerando que se devem ser harmônicos, devem ser legalmente independentes. Daí o dever dar-se-lhes atribuições, DEFINIDAS EM LEI, que lhes permitam a eficiência no exercício de suas tarefas, de mantenedores da paz e da ordem públicas, sem vexames nem humilhações — a nenhum deles — assegurando uma vivência em harmonia, com real proveito para o bom funcionamento do organismo policial e vantagens para a tranqüilidade e segurança da coletividade.

Dê-se à Brigada Militar, EM LEI DEFINIDA, a liberdade e a AUTORIDADE para DIRIGIR e executar o policiamento preventivo-ostensivo, pois a Carta Magna Estadual diz: NO INTERESSE DO ESTADO É PERMITIDO ATRIBUIR À BRIGADA MILITAR O POLICIAMENTO CIVIL"; faltando para isso apenas o INTERESSE do Estado, se bem que existam alguns nobres deputados que compreenderam o alcance da medida pleiteada, mas vêm lutando em vão. Essa definição é que a Brigada precisa para sair da humilhação em que vive e, conseqüentemente, se situar na sociedade como detentora de um patri-

mônio histórico — que é o mesmo do Rio Grande — e como fonte ainda inexplorada de grandes e profundas possibilidades para o futuro. Cremos ser esta a equação do problema de combate ao crime no Rio Grande do Sul e a sua solução, tão ansiosamente buscada: a colocação da Brigada no seu devido lugar de POLÍCIA militar de FATO e de DIREITO; guardiã do progressista, culto e dinâmico Estado que é o Rio Grande do Sul; apenas isso, não busca a Brigada exaltação pública, nem coisa que o valha, pois como muito bem disse o autor do histórico da Organização da Polícia do Rio G. do Sul — João Giuliano — “A policia nasceu predestinada para a obscuridade e para a incompreensão dos homens”.

Continua no próximo número

Admiróse un português
de ver que en su tierna infancia
todos los niños en Francia
supieran hablar francés

MORATIN



Mais alegria
para as crianças

MANUFATURA DE BRINQUEDOS
ESTRELA S/A.

Rua Joaquim Carlos, 497

Palavras aos homens do fogo

Aula inaugural proferida pelo Cel. Tísiano Felipe Leoni na recente abertura dos Cursos de Formação de Sargentos e Cabos da Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

○ CONVITE para esta solenidade me foi feito em termos formais: Eu devia dar a aula inaugural.

Sempre detestei os nomes pomposos com que a eterna prosápia dos homens rebatiza as coisas simples da vida, as únicas verdadeiramente grandes; por isso não vou dar aula nenhuma; vou aproveitar a oportunidade — que agradeço a todos vós — para conversar um pouco convosco.

Parto do princípio de que só vale, no homem, a motivação que nêle atua. Sem uma perspectiva, sem uma noção do valor humano daquilo que faz, sem emoção, o homem não pôde realizar-se. Afinal, êle não passa dum número inexpressivo e seus gestos, suas atitudes, suas ações, sua vida não devem revelar um vazio interior. Sem uma motivação interna êle não pode se dedicar, é incapaz de aprender, porque lhe falta a capacidade de sentir; êle não tem motivo.

Só se aprende bem com o coração e só fazemos bem aquilo que amamos.

E é na tentativa de vos dar essa motivação que aqui me encontro. Perdoai, se, para criar o clima, eu narre alguns fatos passados, quando tive a

graça de por aqui passar, como o maior responsável.

NÃO: vocábulo esquecido

Numa de nossas constantes reuniões, tínhamos convencionado que se esquecesse, no Corpo de Bombeiros, o vocábulo "NÃO" quando solicitados, fôsse para o que fôsse.

Lembramo-nos de que vários oficiais procuravam demover-nos da recomendação; — como se tudo viesse a propósito — no dia imediato — pediam-nos fôssemos salvar um papagáio duma paineira. Veio a mim o oficial de socorro, sorrisos nos lábios, pedir-me que — foi essa sua expressão — "Eu quebrasse o galho". Depois de saber que a ave estava presa pela corrente do pé, em um dos ramos da árvore, determinei sequisse um carro para atender a ocorrência, levada a cabo com satisfação de todos. No dia seguinte recebíamos uma carta, em mau português, mas prenhe de grandeza emocional, de humanismo e de verdade — agradecendo-nos o favor, derramando-se em louvores aos homens que haviam executado a tarefa; como êstes se houvessem recusado peremptoriamente a receber qualquer importância, a pessoa agradecida nos mandava du-



zentos cruzeiros para a Caixa do Natal do filho do bombeiro.

Havíamos criado uma emoção; despertáramos num ser humano que, via de regra, é egoísta e mau, a beleza interior da gratidão, fazendo-o, quiçá, revelar-se a si mesmo melhor do que até então se parecera.

Ampliáramos o campo dos que são agradecidos ao Corpo de Bombeiros.

É mais do que isto, mostrávamos a todos os soldados do fogo, como se podia objetivar o espirito do Corpo de Bombeiros: — Servindo.

Dias depois pediam-nos para salvar um gato, dum telhado. Já ninguém veio perguntar-nos se “podiam” ou se “deviam” ir. Foram. A lição lhes valera.

Servir sempre

Pouco mais adiante, em noite de racionamento de luz, pois que já vai longe esta calamidade, atendíamos pessoalmente um chamado angustiante: uma senhora em melindroso trabalho de parto, na Beneficiência Portuguesa, estava com a vida em perigo, por falta de luz. Determinámos a ida de nosso carro-iluminação. O resultado aqui o tendes neste anjo querido que é a afilhada do Corpo de Bombeiros.

Não só contribuíramos para salvar duas vidas — o que por si só bastaria para justificar tôda uma existência — mas tornáramos feliz um lar — sobre o qual pairava o anjo da morte. E mais uma vez não escolhemos os meios para objetivar — para precisar a todos os nossos comandados — o lema do Corpo de Bombeiros, que assim fazíamos vibrar em todos os corações, fazendo dêle o anelo de tôdas as almas: SERVIR.

Uma tarde recebíamos um pedido do Chefe de Polícia, indagando se poderíamos ir, fóra do município de Porto Alegre, na cidade de Gravataí, salvar uma criança que caíra num poço. Fiz sair nosso carro mais rápido da época e sempre equipado para estas emergências — o 35 — com um dos melhores motoristas, com ordem de voar — para atender à ocorrência.

Não sabíamos que ha várias horas já, a criança estava morta. Era só para resgatar seu corpo. Lá chegando, verificamos que aquilo que fóra um poço, transformara-se em depósito de lixo; — latas velhas, água putrefacta. E nisso caíra a infeliz criança. Desceu o primeiro soldado, sem máscara, sem ar, sem nada, porque naquele tempo nada disso havia; desceu, conduzido somente pela vontade que já então era uma segunda natureza em todos os homens; — SERVIR. Revolveu, metódicamente as latas velhas do fundo do enorme poço, as pedras, os galhos, os detritos. Tinha que trabalhar a mais de seis metros de profundidade num horrível caldo negro, subindo e descendo a fim de respirar; com a agitação produzida, aquelas escórias quase pastosas se tornaram; só o tacto servia de pesquisa.

Cansado o primeiro homem, o official de socorro determinou a ida de um segundo e, face às circunstâncias, fê-lo amarrar ao cinturão uma corda, para resgatá-lo, caso perdesse os sentidos. Mas tão denso se tornara o caldo do poço que foi preciso soltar, à guiza de lastro, com o homem, uma pedra amarrada a uma corda. Ao descer, êsse soldado teve presa por uma razão qualquer a corda que o ligava à salvação. Mesmo debaixo d'água, não vacilou, desprendeuse dela.

desceu mais afnda e tateando, encontrou afinal o corpo da pequena vítima.

Fez o sinal convencionado para ser içado. Puxada a corda esta só trouxe o cinturão. Puxaram, em seguida, aflitos, a segunda corda, a da pedra, à qual veio, felizmente, prêso o homem já quase sem fôrças, trazendo o pequeno despojo.

Relatou-me o oficial o incidente. Chamei o soldado à minha presença. Repreendi-o por ter desobedecido à ordem do oficial; queria saber apenas como reagiria. E, de fato, sentiu-se tão sômente culpado.

À tarde, certo de ser punido, pois que éramos extremamente severo, recebeu êsse homem um dos mais belos louvores por nós publicados no Corpo. Vale-o e de sobra.

Ele, que tão espontaneamente, tão naturalmente se abnegara, sem pensar senão em SERVIR, êle que superara até o próprio instinto de conservação que tão ferozmente se manifesta em tantos, êle que se sobrehumanizara, na beleza de um gesto, fizera-se mais de que credor da admiração de seu comandante e de seus camaradas, pois que enriquecera com sua atitude o espirito de sua unidade: O Corpo de Bombeiros.

O quebra-quebra que se seguiu à morte do Presidente Getúlio Vargas, caracterizou-se por transformar-se num dia de horror; 28 incêndios, 10 simultâneos. Entre muitos exemplos magníficos vou relatar o que mais me tocou:

Servir apesar de tudo

O Consulado americano funcionava num 6.º andar dum prédio à rua Marechal Floriano. O povo, na sua fúria, destruiu os seis andares, só pa-

rando quando arrazou êsse Consulado. No dia seguinte percorriamos a cidade para fazermos, pessoalmente, um levantamento para nosso relatório. Num dos andares, dêsse edificio, funcionava um gabinete dentário dum profissional polonês. Êste, emocionado, mostrava-me sua aparelhagem destroçada dizendo-me que lhe haviam roubado, inclusive, uma caixa com umas 40 libras-esterlinas, que se destinavam aos serviços de prótese. Acontece que um soldado, por sinal o engraxate dos oficiais — o Socó — como todos o chamavam, acompanhava-me de carona no Jipe. Quando desembarquei do veículo êle desceu comigo. Ao me relatar o dentista, o roubo de suas libras, o soldado pergunta-lhe se estas não estavam em uma caixa comprida de papelão. Obtida resposta afirmativa, diz êle: "Pois eu vi que os maloqueros iam botá' a mão naquele ouro e escondi êle detrás daquele caixão"; agachando-se remexeu nuns papéis retirando de entre os destróços a caixa na qual estavam as libras-esterlinas do homem; olhando para mim, como se fosse culpado dum crime, não viu, na sua singeleza, as lágrimas de emoção que me marejavam os olhos. Êste soldado, como engraxate dos oficiais, vivia a "faquear" todo mundo por uma passagem de ônibus. Casado, com filhos, sempre vivia à beira da miséria. E no entanto quando poderia impunemente, se ter apoderado duma soma que para êle era enorme, só se lembrou que era soldado do fogo — só se lembrou de SERVIR.

Estima e confiança

Só mais um fato. Numa de nossas constantes viagens ao Interior do Estado, fomos a Livramento, onde es-

távamos em luta com a Prefeitura para a construção do quartel para a estação de Bombeiros. Entre outros argumentos, disse ao Prefeito que se êle não fizesse o quartel eu recolheria a estação. A resposta singela foi:

— "O senhor não sairá vivo daqui. Será linchado pelo povo". Era uma ameaça sob a qual se escondia uma homenagem; no dia seguinte estava eu no galpão em que acantonava o nosso pessoal, quando sou procurado por uma senhora de fino trato, a nos perguntar se éramos o cmt. do Corpo de Bombeiros; disse que lamentava a retirada dos soldados dali, etc. Ela se referia, não à retirada da cidade, mas daquele local, para 4 quadras além, onde concertáramos, o prefeito e nós, se construísse o quartel da Estação.

Disse-me a dama — textualmente: — "Quem irá cuidar de nosar casas então? Demos resposta evasiva pois sentíamos que se referia a um assunto desconhecido. Depois que a senhora se retirou, perguntámos ao Cmt da Estação, na época o Sgt Nelcy, do se tratava. Êste informou que muitas famílias ao viajarem deixavam as chaves de seus palacetes com nossos soldados.

Fomos ver de perto um dos palacetes. O soldado que tinha a chave, como se fosse o dono, abriu a porta da frente, escancarando as janelas para arejar as peças, e conduziu-nos por tôda a mansão. Os guarda-roupas conservavam tôdas as chaves — roupas, calçados, jóias tudo estava à mão. O refrigerador completamente lotado, convidava a ser desfalcado de um refrigerante. Perguntei ao soldado: Isso êles deixam assim para vocês se servirem? — "Não sei, sr. Cel.; êles podem deixar, mas Deus nos livre me-

xer num copo que seja, sujando o nome da estação". Embargado, virei-me para que êle não fosse testemunha de minha emoção. Só disse o que pensava, na Estação, quando falei a todos.

Uma sociedade aristocrática, como é a de Livramento, entregava todos os seus bens às mãos dos nossos soldados, num tentemunho eloqüente da estima e da confiança que êles souberam conquistar com sua conduta.

Era a realização do que sonháramos. Sentíamos-nos quites com o destino e orgulhosos de comandar tais homens.

Poderíamos passar o dia, narrando-vos fatos como êstes. Fizemo-lo de alguns, para mostrar que havíamos conseguido — graças ao magnífico material de que dispúnhamos transformar a Unidade em algo vivo, onde todos vibravam ao mesmo espírito, onde todos queriam a mesma coisa, onde todos se emulavam para SERVIR mais e melhor. Sim, ninguém pense que pode conseguir algo se não fizer vibrar sua organização como um todo homogêneo.

Nós sabíamos que certas acusações que nos faziam eram falsas, pois que sentíamos na atitude dos nossos homens, no seu extremo devotamento — na procura mesmo do sacrificio — a confirmação de nossa certeza. Estávamos no caminho certo.

Exigir para servir

E baseado nessa certeza, conscientes que havíamos robustecido um núcleo — com a exclusiva finalidade de SERVIR a coletividade — o que demonstrávamos diariamente várias vezes — e como nada queríamos para nós — nem votos, nem promoção, nem cartaz — passamos a exigir.

Exigir quartel onde melhor alojar os homens, para mais eficiente SERVIR. Revoltava-nos que tão desprezados servidores do público — pioneiros de um mundo melhor — sofressem a injustiça de viver numa pocilga, num monturo. E no-lo deram.

Passámos a exigir que nos dessem equipamento com que melhor combater, com que melhor SERVIR, com que tornar mais eficiente nosso esforço, como que complementar a bravura e o devotamento dos nossos homens. E no-lo deram.

Exigir que dessem melhor organização, criando o quadro de motoristas, hidrantes, artífices, telefonistas e outros, para tornar a unidade mais eficiente, assegurando a continuação do concurso dos nossos melhores homens — para melhor SERVIR — e no-lo deram.

Exigir que nos dessem maior número de homens para ampliar nosso raio de ação, colocando maior número de estações no interior do Estado, para onde levamos êsse magnífico espírito de devotamento — apanágio do soldado do fogo, assegurando assim o trabalho, pela preservação dos meios de produção — dando tranqüilidade e segurança às respectivas populações — e no-lo deram.

Exigimos muitas outras coisas e em tôdas fomos atendidos.

Mas como exigíamos? Primeiro nos organizamos, primeiro produzimos, depois mostramos o que faltava para produzir mais e melhor.

E a quem o fazíamos? A quem realmente podia decidir ou influir na concessão; — aos governadores, essas figuras invulgares de cidadãos que são o Gen. Ernesto Dorneles e o Dr. Ildo Meneghetti, cujos nomes declino aqui

com respeito e veneração pela sua compreensão dos nossos processos quase sempre heterodoxos, pelo seu humanismo e pela inteligência e acuidade — penetrando em nossas verdadeiras intenções de sômente melhor SERVIR.

Faziamo-lo aos senhores deputados, prefeitos, vereadores, sempre de tôdas as bancadas, tendo obtido a promessa de — enquanto fôssemos o Comandante — obter no Legislativo Estadual, aprovação a todos os projetos que apresentássemos, para melhoria do Corpo de Bombeiros.

Através da imprensa falada e escrita que nos apoiou desde o primeiro momento, não nos abandonando durante os dois anos e meio de nosso comando, cedendo-nos páginas inteiras nos jornais e horas a fio nas rádios, principalmente a vovó Gaúcha, sem nos cobrar NUNCA, nem um tostão sequer, porque se irmanaram conosco no afã de melhorar êste organismo de renúncia e de devotamento, que é o Corpo de Bombeiros.

Faziam-no porque sentiam que estávamos à testa de um organismo que realmente SERVIÁ, sem necessidade de pistolão, sem perguntar se era da situação ou da oposição — se pobre ou rico — se longe ou perto, se grande ou pequeno, se o que podia estava ou não inscrito neste ou naquêle instituto... A nós bastava-nos a necessidade do que nos solicitavam! E nisso estávamos séculos à frente — não só de qualquer outra organização — nacional ou estrangeira — mas da própria humanidade!

E disso fazíamos o nosso orgulho. Um orgulho de Bombeiro, feito de renúncia e devotamento, duma exigência sempre maior no afã de bem servir.

Senhores, não estamos a nos engrandecer. Estamos narrando algo — e só por isso o fazemos — que aconteceu aqui neste nosso Rio Grande, aqui mesmo neste Corpo de Bombeiros — embora pareça uma utopia, como a CIDADE DO SOL de Campanella, como a REPÚBLICA, de Platão.

Como foram êsses políticos empedernidos, esquecer seu cetiscismo, enternecendo-se e nos atendendo? ACREDITANDO SORETUDO!

Só há uma resposta possível. E' que tinham certeza da verdade, tinham convicção de que éramos sinceros. E isso é a maior das homenagens que podíamos dêles receber e com ela — as verbas — enormes, que conseguimos.

Carência de meios

Pedimos ao Prefeito — Manoel Sarmanho Vargas que encaminhasse uma lei que, se tivesse sido mantida, daria os meios necessários ao Corpo de Bombeiros de manter-se sempre equipado com que houvesse de mais moderno. Arrastamo-lo a um churrasco onde todos os partidos e tôdas as frações políticas estavam presentes — partidos e frações que ignorávamos, porque a grandeza de nossa ação, a universalidade de nosso anseio, nos collocava acima dêles. Ante nossa argumentação, S. S. prometeu-nos ao sair: "Cel. o Sr. terá os seus hidrantes". Nós o convenceramos que a taxa dos Bombeiros era para dotar Pôrto Alegre de uma perfeita rede de hidrantes de coluna.

E no dia seguinte era encaminhada à Câmara Municipal a lei que instituiu a Taxa Bombeiros, que infelizmente só vigorou por um ano. Se em

vigor, teria dado, acreditamos, êste ano, mais de Cr\$ 30.000.000,00, com a alta dos impostos.

Não compreendíamos, como continuamos a não compreender a disparidade, a injustiça mesmo, de as prefeituras do interior, para poderem dispor de estações de Bombeiros terem de pagar somas relativamente elevadas, instituindo a taxa Bombeiros, e Pôrto Alegre, a cidade incontestavelmente melhor servida nada pagar. Não compreendemos esta modalidade de administração — privar o Corpo de meios para equipar-se, mas exigindo sempre e sempre mais de sua eficiência! Contra isso sempre lutamos. Sistemáticamente nada cobrávamos, diretamente, pelos nossos serviços — porque seria mercantilar o Corpo de Bombeiros, destruindo a estrutura mesma de seu espírito, mas exigíamos nos dêsem os meios de bem servir, colaborando com os municípios e com o Estado, na obtenção dêsses recursos por meio da taxa Bombeiros.

Não vemos porque, as indústrias, o comércio, os edificios e os prédios de Pôrto Alegre, que tanto se valem do Corpo — nada venham a pagar para fazer jus a essa assistência, obrigando o Estado a despender verbas de outras origens para atender às necessidades do Corpo ou — privar o Corpo de sua eficiência, exigindo-a porém em altos brados, quando qualquer senão se manifesta.

Isso é irracional. E', invertendo Talleyrand, mais do que um êrro, um crime, porque dessa maneira, vidas e bens de produção podem ser destruidos, prejudicando tôda a coletividade, desservindo-a.

Senhores, o Corpo de Bombeiros deve ter um só pensamento, ser uma

só vontade. E o Comandante deve ser sua mais alta expressão, a síntese mesmo, dêle refletindo os anseios de seus comandados. Só ai terá fôrça — Porque de fato representa um todo — que sois vós.

Para o Corpo de Bombeiros só há um responsável: O Corpo de Bombeiros. Não critiqueis governos nem legisladores. Tôdas as grandezas do Corpo são por êle contruidas. Tôdas suas deficiências são por êle engendradas. Só o Corpo de Bombeiros é responsável.

Saber

Para assim trabalhar eficientemente, formando um todo homogêneo é preciso saber: Saber o que se quer e sabê-lo técnica e cientificamente. E para saber é preciso estudar. Para estudar com proveito é preciso saber o que se deve estudar. Estudai para melhor desempenhar a melhor tarefa em que um ser humano pode estar empenhado — uma tarefa de fraternidade humana, uma tarefa, acima de religiões, acima de partidos, acima de ideologias, acima de tôdas estas coisas que a humanidade criou para dividir-se!

Vossa tarefa não se resume em agarrar uma ponta de mangueira e atirar água no fogo, como muita gente pensa. E' tarefa complexa, porque envolve relações humanas, vidas humanas, bens de produção para a humanidade; segurança e tranqüilidade, viva, querida, e às vêzes mesmo — imposta!

Há luta! Há perigo! Há beleza!

Luta contra o fogo, contra a água, e contra milhares de outras desgraças que podem atingir o ser humano, contra as quais o Bombeiro é cha-

mado a intervir para derimi-las ou reduzi-las.

Luta contra a má vontade e a incompreensão dos homens... Luta contra certos interesses mesquinhos nos quais se compraz o mesquinho coração humano.

Tendes ido, por acaso, ensinar em colégios, treinando as crianças em como proceder em caso de incêndio em cinema, em sala de aula, em outro local qualquer de reunião? Imaginai todos aquêles pequenos seres — os grandes também — presas de pânico? — êsse impulso que anula milênios de civilização, reduzindo a nada a pseudo vitória das religiões, das filosofias, dos princípios? Tentai imaginar o que vos é preciso para evitar essa eclosão da besta humana!

Conhecimentos de fisiologia e psicologia científicos, técnicos e especializados ser-vos-ão necessários para lobrigardes uma pequena possibilidade de vitória. Estudai êsse ângulo, essa particularidade. Isso também faz parte da profissão.

Deveis estar preparados para, num incêndio numa indústria qualquer, distinguirdes, pela côr das chamas, ou fumaça, ou pelo cheiro, que espécie de combustível está a arder e deduzirdes rápidos, se os gases são inócuos, perigosos ou letais para os vossos comandados: assim havereis de decidir ainda com que espécie de meios o incêndio deve ser atacado.

Tendes colaborado com a prefeitura, através do seu serviço de águas para a instalação de hidrantes nas novas redes instaladas? Evitais assim continuem instalando um hidrante num caminho secundário se por perto dele passa um conduto de muito maior ca-

pacidade, ou que se instale uma nova rede de hidrantes.

Tendes visitado fábricas para fazer os operários treinarem-se no uso do sistema preventivo?

Tendes por mil outras formas procurado difundir o que se deve e o que não se deve fazer em caso de incêndio, ou tendes aguardado que vos chamem para irdes atender o inevitável? Como uma corveia a mais, contrariados, como se estivesseis prestando um imenso favor? Não.

Imaginaí milhares de situações semelhantes e estudaí-as. Estudaí tudo: electricidade, hidráulica, física, química, construção civil, resistência dos materiais, fisiologia, psicologia, relações humanas, tudo, tudo, para ser aplicado em vossa profissão. Vereis como enriquecer-se-á o vosso cerebro, entumescendo o vosso coração, nessa ânsia de bem melhor servir, valorizando vossas vidas, enchendo-as, dando conteúdo e os vossos anelos — honrando vossa condição de seres humanos, ampliando-a mesmo para vos situardes, como almas, dentro do cósmo infinito.

Só amar é lícito

Nêste mundo de mentiras, constituís um nucleo de verdadeiro amor fraterno. Onde todos calculam — a vós Bombeiros — só é lícito amar, dando-vos integralmente, — onde todos

visam sòmente o próprio interesse. Agigantai-vos, buscando sòmente servir aos outros — onde todos procuram sobressair individualmente à custa de seus semelhantes; trabalhai em equipe, anonimamente, buscando, aprimorando o sentido de grandeza interior. — Onde todos se pervertem, estimulando entre si só os baixos instintos do ser humano — revalorizai os esquecidos valores do homem feito à imagem e semelhança de Deus. — Onde todos servem a aparência — servi tão sòmente o conteúdo; — onde todos visam o transitório, desprezai-o, buscando só o que é eterno e imortal!

E quando dentre vós, algum predestinado pagar com sua vida o seu devotamento — invejai-o — pois que enriqueceu com o mais alto valor da Terra, o seu trabalho, provando que merecia a estima e o amor de seus concidadãos. Que tal fato não vos paralise a bravura, divisa de vosso esforço, em prol dos que em vós confiam, pois só o covarde morre mais de uma vez!

Sêde dignos da graça que vos distinguiu: como servidores do Corpo de Bombeiros! Ide para as aulas com êsse espirito e sereis o que todos esperam de vós: soldados do fogo! — só isso — mesmo porque nada mais há — além disso!



CORNFLAKES
e
TOSTADINHOS
DE ARROZ
a melhor
refeição matinal!

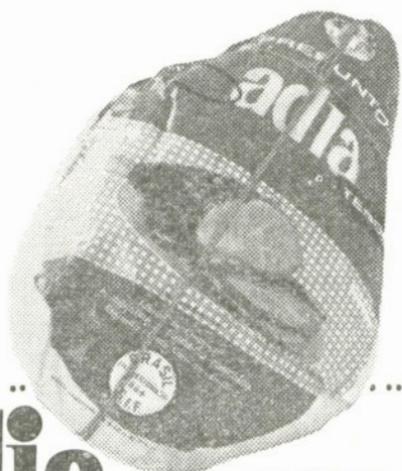


PREVINA-SE PARA AS FESTAS.

ENCOMENDE,

DESDE JÁ. O

seu . . .



presunto **Sadia** TENDER

PRESENTE

QUE AGRADA SEMPRE

**CAIXA
PRESENTE
DUBAR**

Em cada caixa um livrinho
em cores, com as melhores
receitas de coquetéis DUBAR



2 tipos de atraentes estojos coloridos; em
finíssima embalagem para presentes.

- | | |
|----------------------|-----------------------|
| 1 Gin Extra Seco | 1 Rum Branco |
| 1 Cognac 5 Estrélas | 1 Cognac 5 Estrélas |
| 1 Vermouth Brco Doce | 1 Vermouth Brco. Doce |
| 1 Creme de Ovos | 1 Cherry Brandy |
| 1 Licor de Abricot | 1 Licor de Cacao |
| 1 Licor de Cacau | 1 Licor Ouro |

HÁ UMA DELÍCIA
DUBAR

PARA CADA PALADAR

À guisa de um programa de Relações Públicas nas Organizações Policiais Brasileiras

Trabalho de Teodoro Nicolau Salgado,
major da Fôrça Pública do Estado de São Paulo,
perito criminal pela Escola de Polícia de São Paulo
e professor de Criminalística, Organização Policial
e Prática Geral de Policiamento da Escola de
de Oficiais da Fôrça Pública.

Dentro do mecanismo dos Estados democráticos modernos, podemos dizer que as organizações policiais nada mais são do que pontos de contatos reais entre o público, sob suas múltiplas formas de grupos sociais, e a Justiça.

O êxito em assegurar, por parte dessas organizações, o cumprimento das LEIS, somente poderá ser atingido através de constante e estreita colaboração entre os seus integrantes e esse público, podendo-se dizer que tal êxito só poderá ser alcançado se houver, de fato, colaboração entre aqueles que

tem a missão de assegurar a observância das LEIS e os que são "objeto da proteção a que estas visam".

Assim sendo, somos levados a crer que o grau de colaboração a ser desenvolvido nas comunidades entre as organizações policiais de um lado e público de outro, refletirá, apenas, o tipo de relações que ambos mantêm, quer sejam elas boas ou más.

Atualmente, está mais do que provado que as organizações policiais encarregadas da manutenção da ordem e da segurança públicas de uma comunidade grande ou pequena e mesma de

uma metrópole atingiram tal importância e magnitude, com deveres e obrigações tão numerosos e de tal monta que se converteram, não somente em uma das peças fundamentais dos Estados democráticos modernos no setor policial preventivo e repressivo mas, também, tornaram-se dentro de uma nova conceituação, como sendo um verdadeiro organismo vivo de educação social, penetrando no campo educacional em tôdas as camadas sociais, lançando mão, para isto, de todos os meios possíveis e imagináveis de comunicações.

O que se tem notado, através dos tempos, é que alguns homens que tem trabalhado e ainda trabalham nos diversos setores da Segurança Pública, dentro do território nacional, principalmente em algumas comunidades menos favorecidas sob o aspecto sócio-econômico e político, deram e ainda dão ao público em geral do país idéias distorcidas a respeito da policia; porém não é só isso que tem causado prejuízos incalculáveis nas relações de tais organizações com os diversos grupos sociais. E' também a falta de adoção. Por essas organizações policiais, de um perfeito programa de relações públicas nas suas atividades cotidianas com o público em geral.

A função primordial de qualquer organização policial é servir ao público e comumente assisti-lo em momentos materiais, morais e psicológicos difíceis, tais como de terror, incêndios, inundações, desastres, etc., depreendendo-se daí que se deva adotar, forçosamente, um programa sério de boas relações com esse mesmo público, visto que o serviço policial, por si só, não basta.

Muitas pessoas pertencentes às comunidades do hinterland brasileiro, e

mesmo de centros populacionais de nível cultural mais avançado, não entendem todos os problemas que enfrenta uma policia ou trabalhos que ela executa, isto porque não poucas vezes se cometem enganos no decorrer de uma ação policial e também porque ocorre, algumas vezes, que membros de uma organização policial cometem faltas, muitas vezes graves, no decorrer do cumprimento do dever, pondo em perigo os direitos inalienáveis do homem e do cidadão, isso é que obriga tais organizações, na atualidade, a adotarem normas modernas de ação, lançando mão das "relações públicas" para não só minorar esses impactos psicológicos, como também, estabelecer compreensão por parte dos componentes da sociedade, com relação à ação da policia.

Esse termo "relações públicas" ainda sofre exame minucioso para que se caracterize em definitivo sua conceituação, porém, não obstante suas multiplas definições, podemos dizer que esse termo, na policia, tem por objeto designar a atividade que visa criar e manter uma compreensão justa, assim como a boa vontade do público, em face dos serviços que ela presta.

Como em qualquer empresa, uma politica de "relações públicas" acertada é a de portas abertas, essencial ao êxito de uma organização policial e — por que não dizer? — a única conveniente à administração das coisas, públicas.

Os dirigentes das organizações policiais de qualquer tipo de comunidade (grande ou pequena) devem favorecer e encorajar as "relações públicas" no âmbito das mesmas e constituir esse tipo de serviço desde a criação das novas organizações que venham a ser

fundadas, isso porque qualquer departamento policial, por mais insignificante que seja, tem o mais completo e amplo contato com o público, conforme já dissemos, quer seja através dos múltiplos tipos de policiamento preventivo ou repressivo, quer através de seus fins educacionais, como organismo vivo de educação social.

"Relações públicas", nas organizações policiais, tem uma dupla finalidade; uma é a de estimular relações amistosas com o público e outra a de cooperação valiosa dêste nos seus trabalhos de rotina. As relações amistosas facilitarão, por parte do público em geral, muitos dos problemas relacionados com a aplicação das LEIS, que seriam facilmente resolvidos ou extintos. A cooperação desde que as relações sejam amistosas será grandemente facilitada, pois transformará cada cidadão em um verdadeiro amigo do policial, e da organização a que êle pertença.

A organização policial, seja qual for, só encontra ambiente favorável à sua alta e nobre ação social se apoiada: de um lado, pela parte sã da sociedade que a prestigia, que nela confia, que a respeita por merecer ela o seu respeito, enfim que não a teme porque vê nela uma organização protetora; por outro lado pela Justiça, que nela crê, que a vê como sua, digna de fé, que lhe fiscaliza as atitudes e as aprova, por serem legais.

O que tem acontecido e ainda acontece é que as organizações policiais não têm sido tão interessadas ou ativas na promoção de relações públicas cordiais com os membros das comunidades a que servem. O que se tem visto, realmente, são más relações públicas da policia com a comunidade, destacando-se, entre os motivos que estabe-

lecem essas más relações, os de caráter político, falta de formação profissional e defeitos na estrutura da organização. Também tem a policia usado, em muitos casos, de favoritismo e parcialidade, acentuando-se cada dia mais, em algumas delas, a truculência, a arbitrariedade, a corrupção etc., o que tem dado origem a uma péssima conceituação dêsse organismo perante a sociedade, por cuja segurança e tranquilidade é, em parte, responsável.

Muitos dos integrantes de tais organizações esquecem-se que o público significa *todo o mundo*, e não apenas a minoria importante ou endinheirada e corruptora.

Certos homens da policia, alguns situados até na sua alta administração, ainda não se compenetraram das acertivas acima expendidas, resultando de tal inobservância insatisfação do público pelos favores concedidos a alguns e negados a muitos, crescendo-se a isso o péssimo serviço de segurança pública que comumente é fornecido à comunidade por essas instituições policiais e os maus exemplos de muitos de seus integrantes, que repercutem no seio da coletividade, desfavoravelmente.

Há fatores psicológicos que aconselham, na atualidade, modo diverso de ação daquele que tem sido, em geral, adotado até agora pelas organizações policiais no Brasil, no que se refere a relações públicas. Sabemos que o industrial, o banqueiro, o comerciante, enfim o homem de empresa em geral, próspero ou não, tem recorrido a todos os processos possíveis e imagináveis que a técnica e as ciências sociais e a psicologia põem à sua disposição, para que possa estabelecer as melhores relações públicas entre a sua emprê-

sa ou estabelecimento e o público consumidor ou interessado.

Isto é feito porque sabem êsses homens de empresa que há sempre, por parte dos públicos, um desejo de decifrar as cousas que não entendem ou que lhes interessam, merecendo informações precisas, honestas e imparciais sobre tudo que lhes diga respeito.

Essa mesma política de relações publicas deve ser adotada pelos homens responsáveis pelas organizações policiais brasileiras, quer sejam elas grandes ou pequenas, isso porque — o público — deve ser respeitado e informado, o que por certo estabelecerá um perfeito entendimento entre o público em geral e a policia.

Como consequência fácil é de se concluir que só assim baixarão os índices de criminalidade, os de acidentes e os de outros atos que por ação ou omissão prejudicam e perturbam a paz e a segurança pública dentro do território nacional, colocando as organizações policiais em seu verdadeiro lugar de guardiãs dos interesses, da segurança e da ordem públicas.

Fatores os mais diversos têm influido significativamente no êxito das organizações policiais no setor de relações públicas, destacando-se como principais o da política de tais organizações nos tipos de serviço que deverá prestar ao público, o que se refere à seleção de seus integrantes e, finalmente, aquêlle que diz respeito à formação e treinamento profissional de seus homens, em todos os escalões de sua hierarquia funcional.

O que é certo e não se pode negar é que os fundamentos reais para se conseguir a confiança, respeito e colaboração do público repousam principalmente, como já o dissemos, no homem

que, dentro de todos os postos e funções, desenvolverá a ação em seu campo. Quer seja êle um dentre dois ou três que integram um corpo policial, um em centenas ou milhares, de qualquer modo colocar-se-á na posição chave do programa de relações públicas da instituição a que pertença.

Com relação à diminuição do índice de criminalidade e outras ocorrências de interesse policial, grande é a repercussão no espirito do público quando a organização policial divulga, através dos meios de comunicações, informações ao público. O valor dessas comunicações não deve ser subestimado, no setor de relações públicas, pois o público não só merece o respeito que lhe é devido, como também tem direito, conforme já o dissemos, a informações acuradas, de quando em quando, sobre a situação de crimes, acidentes, incêndios etc. e mesmo sobre problemas que enfrentam as organizações policiais na execução dos serviços e encargos que lhes estão afetos, a fim de que possam os componentes da comunidade cooperar para a solução desses problemas que, muitas vezes, se referem à proteção à vida humana e à propriedade.

Muitas vezes o público ou um dos seus componentes se sente intranquilo frente a um acontecimento anormal; volta-se então êle para a organização policial, no interesse de sua segurança. Os problemas mais insignificantes avultam-se e é então aí que a policia faz sentir a êsse público ou cidadão que o seu problema é o que mais importa à organização naquele momento, mais do que qualquer outro que ela tenha que resolver; eis aí a verdadeira concretização de boas relações públi-

cas entre a policia e a parte interessada.

Devem ainda ser adotadas pelas organizações policiais brasileiras uma politica de portas abertas, se quizerem seguir uma boa politica de relações públicas criando facilidades para que isso se concretize, aceitando e encorajando criticas e sugestões, que devem ser consideradas com seriedade. Esse modo de agir, por certo, fará com que o público em geral, cada vez mais, acredite nas instituições e nos seus integrantes, como ainda tornará o cidadão comum um verdadeiro amigo do policial e um fiel cumpridor dos textos legais vigentes no país.

Para o perfeito coroamento das relações públicas nas organizações policiais brasileiras, há necessidade, como já o dissemos, de uma perfeita seleção, formação e treinamento de seus pessoal para o perfeito desempenho de suas múltiplas atribuições no seio da coletividade, nos mais diversos tipos de serviços policiais que lhes estão afetos.

Hoje, mais do que ontem, podemos dizer, fazendo nossas as palavras do insigne e saudoso mestre Afrânio Peixoto, com relação à evolução do crime e à ação das organizações policiais: "O crime não morre, transforma-se — a profilaxia pela policia e pela Justiça, de um lado; o aumento do conhecimento e da inteligência humana pela própria obra da civilização, de outro lado, determinam no criminoso feições sutis, dissimuladas, das manifestações de suas tendências anti-sociais: o violento, facilmente apanhado e punido, transforma-se em fraudulento, dificilmente suspeitado e provado."

Como decorrência desse fato, as organizações policiais tem, forçosamente, de ser reformadas, adaptando-se

convenientemente para atender às novas modalidades do crime, a tal ponto que os seus integrantes se transformem em verdadeiros profissionais, pois de fato, conforme tem afirmado John Edgar Hoover, diretor do F.B.I., nunca como hoje a função do policial se revestiu das características de uma verdadeira profissão.

Dai a necessidade de passarem os seus membros por rigorosa seleção física e psiquica, além de se submeterem a meticolosa formação profissional, moderna e aprimorada. À vista desse imperativo, as policias mais famosas do mundo procuram, periodicamente, reorganizar-se, selecionando cada vez com maior rigor os seus componentes, ministrando-lhes ensinamentos adequados ao seu importante trabalho.

Pertencer profissionalmente a uma organização policial, na atualidade, é exercer na sociedade função delicada, nobre, dificil e — por que negar? — geralmente incompreendida, por falta da adoção em tais organizações de um sério programa de relações públicas.

Infelizmente, havemos de convir que há necessidade, de fato, que se desenvolvam em toda a sua plenitude, nas organizações policiais brasileiras, programas sérios nesse setor de atividades humanas, a fim de que, com o decorrer do tempo, se identifiquem perfeitamente tais organizações com as aspirações do público em geral, nos setores não somente de manutenção da ordem e segurança públicas mas, também, nos de caráter educacional. Cremos que, ao lado da formação profissional dos policiais, que dia a dia se aperfeiçoam, buscando nas ciências e nas leis os conhecimentos necessários ao esclarecimento e terapêutica do crime, torna-se imprescindível que, para com-

pleto êxito, não só dessas ações policiais, como principalmente das boas relações públicas, se divulgem entre o povo conhecimentos das leis penais e informações úteis sobre as organizações policiais e seu papel no seio da coletividade.

Tal difusão deverá ter cunho popular, visto que se destina à preparação psicológica do cidadão comum, a fim de torná-lo um colaborador eficiente da polícia, graças ao seu conhecimento dessas leis e dos métodos e processos pelos quais os delinquentes agem no campo da criminalidade. A divulgação se faria por meio de campanhas periódicas pelo rádio, televisão, cinema, jornal, revistas, boletins informativos e cartazes, encarecendo a significação das organizações policiais para a coletividade e a importância da cooperação do povo com as autoridades.

Nas sedes das delegacias de circunscrição, na capital, e nas regionais e delegacias no interior do Estado, deveriam ser periodicamente proferidas palestras populares sobre polícia preventiva.

Aos alunos dos cursos primários e secundários, por exemplo, bem como aos dos cursos técnicos profissionais, ao lado de outras disciplinas, deveria existir uma que se referisse a conhecimentos sumários de polícia preventiva, com o objetivo de lhes inculcar noções das leis penais e dos meios usados pelos delinquentes para lesar a sociedade.

Essas campanhas, conforme se conclui do exposto, trariam ainda o benefício de estimular a cooperação do povo com as organizações policiais. Por outro lado, viriam trazer ao nosso policial a exata compreensão da responsabilidade que lhe cabe no exercício da profissão que abraçou.

É de notar que vários países se têm beneficiado de semelhantes campanhas e, entre eles, podemos citar os Estados Unidos da América do Norte, a Inglaterra e a própria Argentina, onde existem "Clubes de Amigos da Polícia", destinados não só à difusão de conhecimentos policiais, mas também a fazer cada cidadão um zeloso vigilante da lei e do direito.



- único enriquecido com vitaminas A e D
- puríssimo - saboroso
- facilimo de preparar

Leite em Pó **LEIK** - Integral ou Desnatado

produto da



CIA. MINEIRA DE ALIMENTAÇÃO

Plirts Nebó, redator de MILITIA e capitão-médico da Fôrça Pública, passou uma temporada afastado desta revista. Como oficial da corporação, médico do Hospital-Militar, pesquisador conhecido e, ainda, sempre ocupado em seu consultório, pouco tempo lhe resta para dedicar ao órgão dos milicianos. Mas não deixou sua pena enferrujar e, embora com pouco tempo disponível, volta às páginas de MILITIA, com

Dai a César o que é de César

Antes de iniciar este despretencioso artigo, gostaria de pedir desculpas à maioria dos leitores. Não vai aqui qualquer mágua, qualquer desafôro, desabafo ou crítica desairosa, mas pura e simplesmente uma advertência às gerações futuras e presentes, uma advertência que procurará esclarecer o porquê de uma porção de perguntas que pairam no ar, procurará esclarecer certos pontos e talvez sirva para, num futuro próximo, ser aproveitada no saneamento de alguns graves erros que perduram.

Se, entretanto, a carapuça servir ou ajustar-se às cabeças de algum cabeça, só me restam as desculpas antecipadas... mas já é hora de darmos á Cesar o que lhe pertence.

Vou lançar nestas próximas linhas uma hipótese absurda; mais do que absurda, uma hipótese estúpida, da primeira à última linha: Suponhamos que os médicos da Fôrça Pública se reunissem e, "para o bem de todos e felicidade geral da nação",

resolvessem fundar um REGIMENTO DE CAVALARIA, ou um CORPO DE BOMBEIROS...

Lógicamente, o comandante seria um médico, subcomandante seria um médico, o almoxarife, o tesoureiro, o secretário etc. etc.. todos seriam médicos. Formariam um Egrégio Consêlho contra os Incêndios, cujos membros seriam, lógicamente, também médicos. Que maravilha, formidável! Todos médicos. Mas, quem iria apagar o fogo? Ou então, quem iria montar e domar os animais, cuidar das báias, da forragem etc. etc? Só haveria uma solução: teriam que contratar alguns bombeiros ou alguns cavalarianos, é lógico!!!

Assim formados e equipados (pois os médicos adquiririam seus carros de bombeiros, seus cavalos de "impuro sangue", as mangueiras ou os bridões etc. etc.. Quem resolveria das compras e qual o melhor material de bombeiro ou de cavalaria, seria a nossa diretoria, nosso almoxarife e nosso conselho. Êles fariam a concorrência, ducidiriam qual o melhor material, a conveniência da compra ou não, o preço mais baixo etc. etc.. Agora, se êsse material servia para o bombeiro ou para o cavalariano, isso não interessa. Se a mangueira fôsse fraca e, na hora H, não servisse para apagar o incêndio, os associados que dessem parte. E a diretoria e conselho apurariam a responsabilidade dêsse bombeiro que, no auge do desespero, atendera mal o proprietário do prédio em chamas. Êsse bombeiro, faltando com o respeito aos familiares do, infeliz, seria advertido, punido ou suspenso, pois material não lhe faltava; tinha água e mangueira e seu chefe médico o mandara apagar o fogo. Não o fez bem e o prédio ruiu? Sômente restaram cinzas? A culpa deve ser do bombeiro. Êle é pago para isso. Nossa organização "BOMBA AZUL" é perfeita, tem diretoria, tem

conselho, tem almoxarifado, contratámos os bombeiros e êles recebem seu ordenado mensalmente, sem atraso. Por que não apagou o incêndio? Abriríamos uma sindicância, nomeariamos dois, três, vinte médicos, se fosse o caso, mas a sindicância correria e o responsável seria punido; descobriríamos por que o bombeiro, que tinha água e mangueira, não apagou o incêndio.

Algum tempo depois, o material se desgasta, torna-se absoleto, ultrapassado. Chega à diretoria um pedido: Exmo sr. Presidente da "BOMBA AZUL"

I — Solicito-vos que seja adquirida uma mangueira nova, com tais e tais características pois a que está em uso já não serve para ser usada.

(a) o bombeiro fulano

O presidente lê e retruca: Já se foi a mangueira?, mas não era nova quando a compramos? Quanto custa uma mangueira? Será que temos dinheiro em caixa? Bem vejamos. Vou encaminhar isto ao Conselho; ao Conselho cabe decidir se podemos ou não comprar a mangueira.

— Ajudante, avise ao bombeiro tal que seu pedido foi encaminhado ao Conselho, que este deverá se reunir no próximo mês e que, enquanto isso, vá dando um jeito com a mangueira velha.

No mês seguinte os médicos conselheiros da BOMBA AZUL, se reúnem e recebem 150 partes de diferentes setores, pedidos de emprego, deficiência de funcionários, questões políticas etc. etc. Por fim, vem a mangueira. Uma mangueira nova? — Quanto custa? Cem contos? É um absurdo, nossa caixa não pôde gastar tanto numa só mangueira. Será que a velha não tem conserto? E se a remendássemos? Final: — Este conselho decide que a mangueira antiga seja remendada.

Visto do conselho, visto do presidente, visto do almoxarifado... segue via "bombeiro fulano"... Apague o fogo com a mangueira remendada.

Terminada a gestão dessa diretoria, nova diretoria é eleita: SÓ MÉDICOS; novo conselho: SÓ MÉDICOS...

Muitas diretorias passaram, muitos conselhos passaram: SÓ MÉDICOS... até que um dia... ALGUEM perguntou:— Que tal se na próxima eleição, fizéssemos uma chapa em cujo conselho (pelo menos) existissem 50% de bombeiros? Afinal a BOMBA AZUL é uma organização que presta socorros contra incêndios e somente contra incêndios. Parece-me que seria justo que em seu conselho houvesse maioria que entendesse do "risca-do" e talvez assim chegássemos a ter um serviço à altura dos nossos pobres associados, que são obrigados a pagar para, na maioria das vezes ser atendidos por bombeiros bons mas com as mangueiras remendadas.

A êsse conselho, seriam encaminhados os pedidos dos pobres bombeiros que lutam com material ineficiente. A êsse conselho de bombeiros experientes seria dada a oportunidade de saber o que deve ser adquirido e qual o material que pôde ser comprado, pois nem sempre a mangueira mais barata é a melhor... e a casa dos contribuintes depende do material empregado contra as chamas. Daríamos aos bombeiros o que os bombeiros devem ter. Daríamos a César o que é de César.

PLIRTS NEBÓ

As donas de casa sabem...

A limpeza doméstica é mais fácil e rápida com os famosos

**PRODUTOS
CRUZ AZUL**

Já  incluiu **OVOMALTINE**
em sua lista?

Pois não o deixe faltar! Em todos os casos em que é preciso fortalecer o organismo, médicos e nutricionistas não hesitam em recomendar o incomparável Ovomaltine!

Contendo os mais ricos e nutritivos elementos, extraídos da própria natureza - ovos, leite, malte - Ovomaltine é fabricado no Brasil com a mesma qualidade suíça... 100 % igual. Ovomaltine - em seu novo e delicioso Tipo Doce ou em seu tradicional Tipo Suíço - é o mais completo alimento ao seu alcance... sem comparação!



LABORATÓRIO WANDER DO BRASIL S. A.
RUA AFONSO CELSO, 671 - TEL. 70-1191 - SÃO PAULO

A Brigada Militar e os tipos de Policiamento

Cel. Heitor Castro de OLIVEIRA

Com a recente reestruturação da Brigada Militar, caberá à Fôrça executar diversos tipos de policiamento, quasi sejam:

a) — Tipo de Policiamento "Pedro e Paulo". É este um policiamento feito em duplas. É um serviço que exige apreciável efetivo. Entretanto, a prática nos tem demonstrado os excelentes resultados que obtivemos a partir do momento que se tornaram conhecidos os "Pedro e Paulo", operando, primeiramente, no Aeropôrto Salgado Filho, na Gare da Viação Férrea, no Antigo Prado dos Moinhos de Vento e na Estação Rodoviária. Posteriormente todo o interior e a maioria das sociedades recreativas locais disputam os serviços policiais feito em duplas.

b) — Tipo de Policiamento Rural, executado a princípio pelo Regimento de Polícia Rural Montada, com sede em Santa Maria, destinado, principalmente, a dar combate ao "Abigeato", bem como segurança e assistência ao nosso homem do campo. Em face do aumento dos municípios, o Regimento de Polícia Rural Montada de Santa Maria voltou a denominar-se 1.º Regimento, agora de Polícia Rural Montada. O glorioso 2.º Regimento de Cavalaria, com sede em Livramento, passou a denominar-se 2.º Regimento de Polícia Rural Montada, e o 4.º Bata-

lhão de Caçadores, com sede em Pelotas foi transformado em 3.º Regimento de Polícia Rural Montada, passando o antigo 3.º Regimento de Cavalaria, a denominar-se 2.º Batalhão Policial, com sede em Passo Fundo, isto para atender-se a natureza do policiamento necessário em cada zona do estado, já que a reestruturação atual, foi feita levando-se em conta as condições de vida dos nossos irmãos riograndesses, que exercem ora funções na zona rural, ora na colônia, ora nos portos, ora nos centros ferroviários, fabrís etc.

c) — O 2.º Batalhão de Caçadores, com sede em Santa Maria passou a denominar-se 2.º Batalhão de Guardas; o 3.º Batalhão de Caçadores, agora é o 3.º Batalhão Policial; e o antigo 5.º Batalhão de Caçadores, sediado em Montenegro, agora passou a denominar-se 4.º Batalhão Policial.

d) — Por último, temos os Batalhões de Guardas:

Assim, o antigo 1.º Batalhão de Caçadores, com sede nesta capital, passou a denominar-se 1.º Batalhão de Guardas; e o 2.º Batalhão de Caçadores é o 2.º Batalhão de Guardas, em Santa Maria, e, finalmente, o tradicional Batalhão de Guardas de Rio Grande passou ter a denominação de 3.º Batalhão de Guardas.

Os "BB.GG." destinam-se a controlar as greves, os tumultos e dar as guardas necessárias nas Penitenciárias, e guardas em geral etc.

e) — Tipo de Policiamento de Caça e Pesca;

f) — Tipo de Policiamento de Guarda dos Hortos Florestais;

j) — Tipo de Policiamento para controle de Greves, motins e Tumultos e:

l) — Tipo de Policiamento nos campos de futebol ou praças de Esportes.

É exatamente para este tipo de Policiamento que dedicaremos a seguir um pequeno artigo que tornaremos a

Você será bem servido
pedindo pela marca

DUCHIEN

BISCOITOS E MASSAS ALIMENTÍCIAS

Companhia Paulista de Alimentação

FÁBRICA: Rodovia Presidente Dutra - Km. 45

ESCRITÓRIO: Rua 24 de Maio, 250

Quem são os amigos da Etelvina?





Direção: *Francisco V. Fonseca*

ALAGOAS

VISITAM A PM OFICIAIS DA CO-IRMÃ PERNAMBUCANA

Os alunos do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais da PM de Pernambuco excursionaram ao Estado de Alagoas. Foram recebidos pelo comando da Polícia Militar alagoana, cumprindo programa social dos mais intensos, no qual foram incluídas visitas a repartições públicas e organizações industriais de interesse para a instrução do curso.

A delegação

A delegação foi composta pelos maiores Miguel Raimundo Nascimento e Jocelino Urquiza Tenório, capitães Antônio dos Santos (PM alagoas), Jorge Ferreira de Araujo e Dagoberto Rodrigues de Moura e tenentes Osiris

de Souza Ferraz, Wilson Gomes, Antônio Barbosa Lucena, José Maria Cavalcanti de Oliveira e Geraldo Pereira de Melo. Fora da delegação, como convidados, seguiram os ten. cel. Manuel Costa Cavalcanti, major Otacilio Ferraz, cap. João Batista da Costa e dr. Juarez Vieira da Cunha, sendo este representante dos professores civis.

BAHIA

CURSO SUPERIOR DE POLÍCIA

O Diretor do Departamento de Instrução, ten. cel. Durval Tavares Carneiro, interpretando o pensamento do cel. Antônio Medeiros de Azevedo, comandante geral da PM, apresentou um esboço do decreto de organização da Escola Superior de Polícia, instituída pela Lei 685, de 14.11.56, levando em consideração a perspectiva de um convênio entre o governo do Estado e a Reitoria da Universidade da Bahia, em torno dos cursos de nível universitário das Polícias Militar e Civil do Estado.

Pelo esboço apresentado, o Curso compreenderá o ensino de assuntos de cultura geral ou especializada, através de palestras, conferências, demonstrações, visitas e excursões culturais objetivando especialmente os problemas sociais, políticos, econômicos e culturais, em função da segurança pública.

Visará o Curso a propiciar aos Oficiais das Armas e Serviços da PM conhecimentos aperfeiçoados que venham complementar os exigidos para

o oficialato superior, dando maior extensão ao preparo militar, policial, técnico ou de cultura geral dos oficiais, objetivando estudos de complexos problemas sociais. Visará também a realizar o aprimoramento intelectual e profissional dos oficiais da PM, em principio dentro de qualquer área de conhecimento como Tática, Estratégia e Logística, Polícia e Segurança Pública, Administração Pública, Ciências Jurídicas, Ciências Sociais, Estética e Pedagogia Geral.

Os Cursos Especializados de Criminologia e Criminalística terão os currículos nos mesmos moldes adotados pela Escola de Polícia Civil de São Paulo, como Instituto Complementar da Universidade daquele Estado. Independente da matrícula de oficiais da Corporação habilitados no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais ou equivalentes, ou diplomados por escola de nível universitário, poderão concorrer à matrícula os jornalistas militantes na imprensa local, devidamente credenciados pela Associação Bahiana de Imprensa e apresentados pela direção do órgão onde trabalha. Para tanto, o Comando Geral fixará anualmente, o número de matrículas no Curso Superior de Polícia, inclusive prevendo o número de estagiários. Poderá promover a matrícula de oficiais devidamente habilitados, em escolas ou institutos de ensino técnico-profissional, de acordo com as necessidades de aperfeiçoamento ou atualização na Corporação.

COMANDO OFERECE VAGAS NO CFO

Oficiando aos comandos das PP. MM de Amazonas; Pará, Piauí, Mara-

não, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe e Alagoas, o cel. Antônio Medeiros de Azevedo, comandante da milícia baiana, pôs à disposição daquelas autoridades duas vagas na Escola de Formação de Oficiais, esclarecendo que os alunos procedentes daquelas co-irmãs terão direitos idênticos aos dos alunos bahianos.

DEPARTAMENTO MILITAR DE SEGURANÇA

No salão de Conferências da EFO, na Guarnição da Vila Militar do Bonfim, reuniu-se sob a presidência do ten. cel. Durval Tavares Carneiro, o Grupo de Trabalho encarregado de elaborar a organização do Departamento Militar de Segurança. Na ocasião foram criados subgrupos, com atribuições de elaborar as respectivas seções e fixar suas necessidades, em pessoal e material, como base para as Instruções Reguladoras do futuro órgão.

LEI DE PROMOÇÕES EM DEBATE

Com vistas à elaboração do anteprojeto de lei que disporá sobre as promoções de oficiais da milícia baiana, o Clube dos Oficiais da Polícia Militar organizou reuniões para debater o assunto, com base num trabalho de autoria do ten. cel. Edson Franklin de Queiroz.

De acordo com aquele trabalho a corporação terá, pela primeira vez, uma lei regulamentadora do acesso hierárquico em estilo mais condizente com as funções da PM.

GUANABARA

A PM E A CRISE POLÍTICO-MILITAR

Buscando trazer ao conhecimento dos milicianos brasileiros os fatos relativos à crise eclodida no país, com a renúncia do presidente Jânio Quadros e envolvendo diretamente a milícia guanabarina, apresentamos, cronologicamente, um resumo daqueles acontecimentos, esclarecendo que os trechos entre aspas se referem ao depoimento de oficiais da PM (cap. Newton Brito Melo, 1.º ten. Ciro Eduardo Coning da Silva e 1.º ten. Hélio Faria Paiva), à comissão de «impeachment», instituída pela Assembléia Legislativa do Estado caçula.

25 de agosto — PM alijada da sua função

«Por incongruência, e, contrariando frontalmente, como vem acontecendo no planejamento de assuntos policiais, os artigos 183 da Carta Magna e 14 das Disposições Transitórias da Constituição Estadual, coube à PM exercer missão puramente executiva, alijada do planejamento policial para a crise em apreço. Desta forma, viu, com incontida revolta, frações de sua tropa serem empregadas descritoriosamente, sem conhecimento prévio do seu EM, sob chefia ou orientação de elementos estranhos ao seu quadro orgânico, e, o que é mais grave, desobedecendo, fugindo aos mais elementares princípios de controle de tumultos. Nas mãos ineptas daquelas autoridades militares (*) e de inspetores da DPPS, a tropa policial-militar mais parecia um bando de bárbaros celerados, agredindo e espancando desapiedadamente, levada pela sanha da usurpação do poder, pelo direito da força».

26 de agosto — Espancamento

«Diante da Faculdade de Direito, rua do Catete, estudantes reuniram-se em comício de protesto. Em dado momento, contrariando tôdas as normas para dispersão de aglomerações, o grupo foi cercado pelos dois lados da rua do Catete, por forças de choque da PM, dirigidas por um elemento não identificado da DPPS, cumprindo ordens superiores. Após brutal espancamento, a tropa se retirou».

27 de agosto — Prisão de altos oficiais — Anarquia

Neste dia, o cel. Malaquias, comandante da PM fôra alertado pelo ten. Ciro Coning, que colhera informações de que

(*) N. da R. — “Aquelas autoridades militares” são os gen. Sizen Sarmento coordenador dos Serviços de Segurança Pública, assessorado pelos cel. Lauro Alves Pinto, diretor da DPPS, e ten. cel. Carlos Ardovino Barbosa, dito chefe do Policiamento Ostensivo, todos do EB, nomeados pelo governo guanabarina.

«as forças de choque da PM, até mesmo as que deveriam permanecer na Chefatura de Polícia, estavam sendo empregadas arbitrariamente, contra a população, sem conhecimento do seu EM e chefiadas ora por inspetores da DPPS, ora pelo ten. cel. Ardovino, explicando-se, assim, o emprêgo da PM na interdição da UNE». Tal comunicação levou o comando da PM a se ligar com a Coordenação, para desaconselhar o emprêgo da PM em tais missões.

E' de se salientar que «decorrente de ordens já recebidas, elementos da PM deveriam prender os marechal Lott, general Kruel e brigadeiros Melo e Teixeira, numa verdadeira inversão da hierarquia, verdadeira orgia de anarquismo». A tropa recebera até ordem para atirar, em caso de resistência daqueles oficiais-generais.

28 de agosto — Reação de coronel da PM

«O ten. cel. Milton Dias Moreira, ajudante geral da PM, em documento dirigido ao comando da milícia, protestou contra o emprêgo irregular e ilegal das frações de tropa da PM, sem o comando dos seus oficiais e orientação do seu EM, chefiadas pelos ten. cel. Ardovino, em quem não via (e não vê) investidura legal para tal encargo e inspetores da DPPS. Outrossim, protestou, veementemente, contra a situação ilegal e arbitrária, a que a conduziram os organismos policiais do Estado, durante a crise político-militar, louvados no fato de não ter sido declarado o estado de sítio no país. Não admitiu, em boa hora, também, o sr. ten. cel. Milton, a pretensa intervenção federal no Estado, pois não houvera sido decretada, não se justificando, portanto, tais medidas, em nome do Exmo. Sr. Ministro da Guerra. Soube, então, o deponente que o fato foi levado ao conhecimento do gen. Sizeno Sarmiento, que determinou ao maj. Niemeyer dos Santos Pereira, da PM, servindo na Coordenação, que enfeixasse, sob suas ordens, por delegação de poderes, o emprêgo das forças da PM. Com êste ato a situação melhorou consideravelmente.

A moção de protesto do ten. cel. Milton, teve excelente repercussão no seio da oficialidade, que imediatamente, em sua maioria, hipotecou solidariedade ao ato do insigne oficial superior, que com tanta felicidade e honradez, configurou o pensamento dos elementos da Corporação».

Vale salientar que a reação do ten. cel. Milton Dias Moreira foi em cima, no momento oportuno, traduzindo-se numa vontade firme de não cumprir ordens ilegais, exatamente num

momento em que tudo ainda 'era incerteza. Milton decidiu ficar com a Lei, com a legalidade, ao invés da violência e do arbítrio. E o prestígio de que a milícia carioca sempre gozou, foi salvo, embora ela já tivesse iniciado a capitalização do ódio popular, em face da atuação de elementos estranhos.

29 de agosto — Tropas federais substituem PM

Em face da reação da PM, consubstanciada pelo gesto do ten. cel. Milton Moreira, escorado pela totalidade da corporação, tropas do Exército e da Marinha passaram a executar as missões até então atribuídas à milícia guanabarina. Desde então esta não mais foi envolvida pelos acontecimentos até o final da crise (8 de setembro).

PRESIDENTE DO COPOM: "PM REPUDIA VIOLÊNCIAS"

O cap. Newton Alves de Brito Melo, presidente do Círculo dos Oficiais da Polícia Militar (Copom), em declaração à imprensa carioca, no dia 12 de setembro, afirmou, que a oficialidade da corporação repudia o emprego da violência e que não participou dos atos violentos cometidos na repressão aos movimentos de rua, durante a última crise política, "porque não comandou a tropa empenhada e porque vem sendo afastada das funções policiais, que têm sido exercidas por estranhos." A Polícia Militar, por seu comando, apenas colocou frações de tropa à disposição da Divisão de Polícia Política e Social e do chamado *coordenador* da segurança pública. Tais frações, evidentemente, foram mal empregadas, numa demonstração cabal de que quem as empregava em público não tinha condições técnicas, isto é, não sabia como empregar tropa de choque em repressão a distúrbios populares.

A ilegalidade

Informou o cap. Brito Melo que possui trabalhos técnicos sobre a ile-

galidade da existência de diversas funções desempenhadas por elementos estranhos às corporações policiais.

— Desde há algum tempo, vimos lutando para estabelecer as verdadeiras definições de funções das Polícias Militar e Civil, regulando-lhes as relações jurídicas para se atingir melhor padrão policial. Já é tempo de vermos escoimadas as organizações policiais dos elementos adventícios".

NOMEAÇÃO DE SIZENO PROVOCA REAÇÃO DA PM

A PM viveu, na manhã do dia 4 de outubro, momentos de verdadeira tensão, quando circulou a notícia da nomeação do gen. Sizen Sarmento para o comando da corporação. Dizia-se que o gen. Sizen levava instruções para punir "exemplarmente" os três oficiais (cap. Newton Alves de Brito Melo, 1.º ten. Ciro Eduardo Coning da Silva e 1.º ten. Helio Faria Paiva), que prestaram depoimento na comissão de "impeachment", acusando o governador Carlos Lacerda e os militares que o cercavam, por todas as arbitrariedades cometidas na Guanabara durante a crise.

Não assumiria

Segundo constou entre a officialidade, ficara decidido que, uma vez confirmada a nomeação, seria tomada uma providência enérgica para impedir a posse, pois o gen. Sizeno estava incompatibilizado com a PM, pois representava êle, exatamente, o oposto do pensamento da totalidade dos officiais da corporação, que viram seus soldados transformados de amigos e irmãos do povo em inimigos e espancadores do povo, obedecendo a homens que não se formaram dentro dos principios generosos e patrióticos da nova PM.

MINISTROS MILITARES: CHAMADA GERAL

Por determinação dos ministros militares, todos os officiais que se achavam à disposição do govêrno da Guanabara foram recolhidos aos respectivos ministérios. Em consequência, deixaram, respectivamente, o comando da PM e o do Corpo de Bombeiros os ce's. Maurilio Malaquias dos Santos e Fritz Azevedo Manso.

GOVERNADOR LACERDA ESPERNEIA...

O governador Carlos Lacerda officiou ao ministro da Guerra, dizendo que a exigência do Exército de fazer voltar às suas fileiras todos os officiais que estavam servindo à Guanabara representa "um dano moral, administrativo e financeiro" para o Estado.

"Quanto à Policia Militar, constitui imposição de lei, cujo texto me permito anexar ao presente, não somente que seja official do Exército o seu comandante, mas igualmente preenchi-

das por officiais do Exército outras funções..."

...MAS TANCREDO NÃO ATENDE

Acusando o recebimento do officio em que o governador carioca expõe as razões pelas quais considera necessária a permanência de militares à testa de organismos estaduais, o "premier" Tancredo Neves assim se manifesta:

"Não obstante os argumentos ponderáveis apresentadas por v. excia., não é possível atender ao apêlo formulado, eis que, caráter geral, tratando-se de medida que diz respeito não só à Guanabara mas a todos os demais Estados da União, qualquer excessão feita daria ensejo a reivindicação idêntica por parte de outras unidades da Federação."

A "imposição de lei" argumentada pelo governador Carlos Lacerda não "pegou". Era caso de simples decreto estadual, alterando o Regulamento Geral da PM. E assim foi feito, por isso que...

DARCÍ FOI PARA O COMANDO

...para substituir o cel. Maurilio Malaquias dos Santos, do EB, e, em obediência ao que determina o Art. 140 do Regulamento Geral da PM, assumiu o comando da PM, em caráter interino (posteriormente nomeado efetivamente para alta e espinhosa função), o tenente coronel Darcí Fontenele de Castro, sobre cuja posse daremos amplo relato, no próximo número. Trata-se de uma grande conquista dos policiais-militares, pois desde 1870 que um official "prata da casa" não assume o comando da milícia guanabarina.

COMANDO PRÓPRIO TAMBÉM PARA OS BOMBEIROS

Para comandar o Corpo de Bombeiros, em substituição ao cel. Fritz Costa Manso, foi designado o major Herculano da Costa, oficial mais antigo da corporação.

MAJOR DA PM PARA A GUARDA CIVIL

Tomou posse, no dia 5 de outubro, no cargo de diretor da Guarda Civil, o major da PM Niemeyer dos Santos Pereira, que também é bacharel em Direito.

MATO GROSSO

PM FEZ 126 ANOS

Assinalando a passagem do 126.º aniversário da Polícia Militar, no dia 8 de setembro, teve lugar, no pátio interno do quartel do 1.º Batalhão, diversas solenidades comemorativas, encerradas com um desfile da tropa disponível na Capital.

OFICIAIS PRESOS — SARGENTOS APOIAM

Por detirminação do comando da Polícia Militar, acham-se presos aguardando conclusão de inquérito, no quartel do 1.º Batalhão de Caçadores, na capital matogrossense, nove oficiais da milícia que assinaram manifesto contra o comando da corporação, em outubro último.

Sabe-se que outro manifesto, agora assinado por trinta e dois sargentos, dá apóio aos oficiais punidos.

MINAS GERAIS

MILICIANOS NOS "STATES"

A Polícia Militar, em convênio com o Ponto IV, vai enviar dois ofi-

ciais aos Estados Unidos, para estágio no FBI e outras departamentos policiais especializados. Para isso, determinou uma seleção entre os candidatos, cuja primeira condição é o conhecimento do idioma inglês.

MEIRA JÚNIOR RECONDUZIDO AO COMANDO DA PM

Convocado para o serviço ativo, o cel. José Meira Júnior, da reserva remunerada, foi reconduzido ao comando da Polícia Militar, fato que alcançou a melhor das repercussões, de vez que é conhecida a sua capacidade de bem comandar.

Entre as manifestações tributadas ao cel. Meira Júnior, destaca-se a homenagem que lhe prestou o Ginásio "Tiradentes". Mil e quatrocentos alunos se achavam formados, presentes também todos os comandantes de unidade, chefes de serviço e oficialidade da PM.

O encontro do cel. Meira Júnior com todos os alunos, diretoria e corpo docente do "Tiradentes" resultou numa promessa de importantes melhoramentos para aquela casa de ensino que, no seu comando, recebeu incalculáveis benefícios. Criado no comando do cel. Vargas, o estabelecimento teve grande impulso no comando do cel. Manuel Assunção e Souza. Mas o cel. Meira Júnior também não se descuidou, determinando obras que fizeram com que fôsem inauguradas dez novas salas de aula.

Dotado de corpo docente competentíssimo, destaca-se o ginásio "Tiradentes" entre os estabelecimentos congêneres de Minas Gerais, sendo quase absoluta a gratuidade do ensino.

SUBSÍDIOS PARA A REORGANIZAÇÃO DA PM

O comando da Polícia Militar solicitou e já recebeu material informativo sobre as organizações policiais do Canadá, França e Itália. Os subsídios das organizações, destinam-se a servir de base para reestruturação dos quadros e da sistemática de ação da Polícia Militar.

Diversos oficiais se desincumbem da tarefa de tradução da literatura recebida do exterior.

NOVOS ASPIRANTES

Com a presença do governador Magalhães Pinto, do comandante geral, zel. José Meira Júnior, secretário Faria Tavares, comandantes e representantes civis e toda a oficialidade da PM, tiveram lugar, na manhã do dia 7 de outubro, as solenidades de declaração dos novos aspirantes da milícia. Do programa constaram hasteamento da Bandeira Nacional, desfile para deposição dos espadins, leitura do boletim comemorativo, discurso do aspirante da turma "Ten. Jair Lourenço", José Elias Campos, discurso do aspirante da turma "Cel. Moacir", Maruene Ubirajara da Silva. Também fizeram uso da palavra o paraninfo prof. Nivaldo Reis e, finalizando, em nome do governador, o secretário José Faria Tavares. Seguiu-se missa votiva na matriz de S. Sebastião do Barro Preto. As 22 horas abriram-se os salões do Clube dos Oficiais para o Baile dos Aspirantes de 61. Terminada a cerimônia, realizou-se a diplomação dos capitães que terminaram o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais.

São os seguintes os aspirantes formados pelo Departamento de Instrução:

Combatentes:

Dorgival Olavo Guedes Júnior, Zeder Gonçalves do Patrocínio, Ivan Ribeiro de Lima, Klinger Sobreira de Almeida, Raimundo de Freitas, Maruene Ubirajara da Silva, José Godinho dos Santos Filho, Elir Correia da Paixão, Zilton Ribeiro Patrocínio, Wanderlin Soares dos Santos, Rômulo Augusto da Cruz, Adilson Lages Magalhães, Nilson Simões Cândido, Wilson de Oliveira Carvalho, Waldeir José de Almeida, Jacy Alves de Lima, Silvio Cristo Moreira, Antônio Fernando de Alcantara, Joaquim Augusto de Oliveira Júnior, Wantuir de Almeida Praxedes, Joaquim Gomes de Carvalho, Raimundo Nonato Vieira, Jurandir Gomes de Carvalho, José Moreira Sobrinho, Henrique Toledo, José Aparecido de Miranda Castro, José Maria Gotelipe, Olavo Mariano do Carmo, Itamar de Oliveira Pacheco, Joaquim Afonso da Mota.

De administração:

João Rodrigues de Castro, Osvaldo Ramos de Vasconcelos, José Tomaz de Andrade, Pedro do Carmo Figueredo, Edson Menezes, José Elias Campos, Genésio Antônio de Oliveira, Cleto de Souza Mendes, Edson Scafuto, Paulo Augusto dos Santos, Reinaldo Alves de Almeida, Paulo Fernandes de Oliveira, Alfredo de Paula Neves, Jorge Batista de Araujo, Hesio José de Oliveira, Wilson José Malta, Geraldo Alves Ferreira, Humberto Teodoro Passos, Deusdedit Mauricio da Silveira, José Pimentel de Barros, Pedro Ferreira dos Santos Segundo, Rai-

mundo José de Faria, José Geraldo de Siqueira, Moacir do Nascimento Miranda e Pedro Dias do Nascimento.

PARÁ

PM COMEMORA SUA DATA

A Polícia Militar do Pará, revivendo os seus dias de glória, os feitos brilhantes dos seus soldados no cumprimento do dever e o pisar do chão do arraial de Canudos, marcou o 25 de setembro como a sua data máxima. Para ela organizou programa festivo que constituiu de revista à tropa, pelo governador Aurélio do Carmo; hasteamento da Bandeira Nacional, leitura do boletim alusivo à data e desfile. Autoridades e oficiais se dirigiram ao túmulo do cel. Antônio Sérgio Vieira de Fontoura, Patrono da Polícia Militar, onde foi colocada uma palma de flôres. Como encerramento, teve lugar, no quartel do Batalhão de Polícia, animada festa dansante.

PARAÍBA

PM COMEMOROU SEU 130.º ANIVERSÁRIO

A Polícia Militar do Estado comemorou, em data de 10 de outubro, o seu 130.º aniversário de atividades ininterruptas, na defesa da tranqüilidade e segurança públicas e da ordem social.

As solenidades comemorativas tiveram lugar no pátio interno do quartel, sendo presenciadas por autoridades civis e militares.

O cel. Renato Macário de Brito, comandante da milícia, dirigiu-se aos seus comandados e autoridades presen-

tes, para lhes dizer sôbre as realizações do seu comando.

Numa das salas do Curso de Formação de Oficiais, o jovem tenente Josias Figueiredo de Sousa pronunciou conferência sôbre os principais acontecimentos históricos da Polícia Militar do Estado, desde 1831, data da sua fundação, até os dias presentes, ressaltando, em linhas gerais, os grandes serviços prestados à coletividade, por este sector da Segurança Pública.

Vale salientar o traço de independência que presidiu à conferência do ten. Josias, prendendo as atenções gerais, da oficialidade e das autoridades especialmente convidadas, que não hesitaram em manifestar-lhe simpatia e admiração.

O cel. Elisio Sobreira, um dos grandes nomes que já passaram pelo comando da Polícia Militar, e hoje o seu Patrono, foi especialmente reverenciado pelo oficial conferencista.

O REPRESENTANTE DE "MILITIA" FALA SÔBRE A DATA

"Apreciei de perto o desfile de nossa gloriosa milícia, que nada deixava a desejar, sôbre o asseio, execução de ordem e disciplina. Falar sôbre a nossa Corporação é tarefa difícil; entretanto não podia eu, como membro efetivo dela, deixar de dizer alguma coisa a respeito. Completou 130 anos de serviços prestados ao Estado e deu muitos heróis à Paraíba.

O quartel é verdadeira casa de formação moral e intelectual. Daqule velho casarão saíram muitos que hoje exercem funções lá fora, como sejam fiscal de consumo, juiz de direito e funcionário federal. Muitos co-

meçaram as primeiras letras, estudando no Instituto São José, do Padre José Coutinho, e na escola comercial Underwood, e hoje estão em ótimas condições.

E' como se em uma hora desta eu pudesse reviver o passado, do qual guardo indeléveis lembranças, de alegria e tristeza sem esperança alguma de ver voltar aqueles que souberam honrar a farda de nossa milícia, nos campos de batalha como Ênio Coutinho, Pereira Diniz, Zé Guedes Pequeno e outros. Vivem hoje esquecidos, como verdadeiros anônimos, como se nada tivessem feito pela Paraíba e pelo Brasil.

Quantos cursaram as primeiras letras naquele velho casarão da praça Pedro Américo, onde fica instalado o nosso quartel de Polícia e hoje estão em outros lugares? Naquele prédio sem luxo, sem material bélico moderno, sem vaidades, se tem sabido, no entanto, preparar homens para a defesa da ordem pública, do Direito e da Justiça. Acompanho de perto, desde 1936 a nossa milícia, pois nela entrei menino ainda. Conheço-lhe todos os elementos e sei que nela há homens de grande valor moral e intelectual. A nova geração de oficiais vai, cada dia, procurando melhorar intelectual e tecnicamente a estrutura de nossa milícia. Não há mais o homem de alpercatas, porque o veterano acabou com os cangaçeiros, e não fazemos diligências a pé para o longinquo sertão. Naquele tempo, na velha caatinga, não havia necessidade de ser aplicado o direito, e a filosofia. Hoje, dizem que há nova mentalidade e que a mentalidade antiga foi posta de lado; porém, não se

pode deixar de venerar a cinza do passado e jamais há de se diminuir os nomes de Irineu Rangel, João Costa, Elias Fernandes, Manoel Benicio e outros.

Não posso deixar de falar aqui sôbre a pessoa do nosso comandante, cel. Renato Macário de Brito e nosso sub-comandante, cel. Sebastião Calisto de Araújo, que tanto souberam organizar a festa de aniversário da brava Polícia paraibana. O comandante, que tudo tem feito pela administração, disciplina e justiça da tropa, merece tôda nossa amizade, afeto e gratidão, por tudo e a quem devemos reiterar nossa pronta obediência. Ao sr. coronel Calisto, figura amiga, homem idealizador de cursos, veterano de nossa Corporação, que tudo tem feito por ele e pelo seu engrandecimento, o nosso afeto e tôda consideração e obediência.

Terminando, faço votos para que a nossa milícia viva melhores dias. Que Deus a ajude, em todos os tempos, tanto na paz como na guerra, e que os seus filhos, inspirados no patriotismo de Antônio João da Colônia de Dourados, e na própria bravura, saibam cumprir com o dever em defesa da ordem, do Direito e da Justiça".

PARANÁ

MALENTENDIDO PROVOCA IN-SUBORDINAÇÃO NA PM

O Clube dos Oficiais da Polícia Militar elaborara memorial ao governador Nei Braga, pleiteando aumento de vencimentos para o pessoal da PM e justificando a pretensão com a alta

PIAUI

PRESOS 31 OFICIAIS DA PM

do custo de vida e a fixação do novo salário mínimo, que quase igualou os vencimentos dos soldados aos dos cabos e sargentos. O memorial foi entregue ao governador, que o leu e devolveu, declarando que o plano de classificação iria atender à reivindicação não só dos milicianos como também de todo o funcionalismo estadual.

Entretanto, circulava o boato de que o governador Nei Braga se recusara a receber a comissão de oficiais que, em nome do Clube dos Oficiais, fazia reivindicação salarial, o que provocou reação no seio da corporação, mantendo-a sob tensão e nervosismo.

Chamado ao quartel pelo chefe do EM, cel. Mendes de Moraes, o cel. Orlando Xavier Pombo, comandante da PM, embora bastante doente, dirigiu-se ao quartel, sendo mal recebido por um oficial, ao qual deu imediata ordem de prisão. Outros oficiais hipotecaram solidariedade ao camarada, sendo igualmente presos. Crescia, assustadoramente, o mal-estar na corporação.

Demonstrando pulso, capacidade de chefia, humanidade e absoluta confiança nos seus comandados, o cel. Pombo convocou imediatamente uma reunião dos comandantes de unidade, a quem esclareceu que não havia fundamento na notícia.

Serenados os ânimos, os oficiais presos foram apresentados ao comandante e, depois de renovada a explicação, foi-lhes relaxada a prisão e o ambiente de camaradagem que sempre imperou na milícia paranaense, voltou a reinar. Tudo como dantes, no quartel de Abrantes...

O governador Chagas Rodrigues determinou a prisão de 31 oficiais da Polícia Militar, por terem êles se manifestado contra o veto apôsto a recente lei, aprovada pela Assembléia Legislativa, reduzindo de dez para cinco a permanência na ativa dos coroneis com mais de 50 anos de idade e 30 de serviços prestados. Depois de se manifestarem publicamente, os referidos oficiais enviaram memorial ao governador, sôbre o mesmo assunto. Entre os oficiais punidos encontram-se o ten. José Rodrigues Alves e o coronel Manuel Ribeiro, ambos da Casa Militar do governador.

A ordem de prisão foi executada pelo cel. Pedro Borges da Silva, comandante da corporação. Os presos vinham sendo muito visitados por deputados e vereadores. No entanto, na noite do dia 15 de outubro, as visitas foram suspensas, inclusive para o sr. Milton Aguiar, presidente da Assembléia Legislativa.

O advogado Manoel Veloso, devidamente instruído, impetrou ordem de habeas-corpus em favor dos detidos. O Juiz João de Almeida, da Terceira Vara de Teresina, denegou o pedido, alegando se tratar de assunto relativo às normas militares.

Assembléia rejeita o veto

Em sessão realizada no dia 20 de outubro, a Assembléia Legislativa do Piauí rejeitou, por 19 votos contra 10, o veto do governador Chagas Rodrigues ao projeto do Legislativo sôbre a permanência de coroneis na ativa.

PERNAMBUCO

CLUBE DOS SUBTENENTES E SARGENTOS TEM NOVA DIRETORIA

Foi eleita e empossada a nova diretoria do Clube dos Subtenentes e Sargentos da Polícia Militar, que ficou assim constituída: presidente, sargento Napoleão José Heitor; vice-presidente, Gerson Correia de Aguiar; para 1.º e 2.º secretários, respectivamente Severino Agostinho da Silva e José Benjamin de Albuquerque; tesoureiro, e vice-tesoureiro, Enéas de Sousa e Severino Alves dos Santos. Conselho Fiscal: presidente, subten. Joaquim Lopes Diniz Barros; relator, sgt. João Batista de Lima, vogais, sgts. Francisco Alves de Siqueira, José Gonçalves Filho e Francisco Vital Sobrinho.

COMANDANTE VOLTOU DO RIO COM NOVIDADES...

Retornou do Rio de Janeiro, o cel. Manuel Expedito Sampaio, comandante da PM, sendo recebido nos Guararapes por oficiais da corporação. Sua estada na ex-capital federal se prende a entendimentos com a firma alemã Bucka Spiero, para a aquisição de cinco novas unidades para o Corpo de Bombeiros, que estarão chegando ao Recife no mês de fevereiro próximo vindouro.

...MAS JÁ EMBARCOU PARA OS ESTADOS UNIDOS

Embarcou para os "States" no dia 17 de setembro último, em companhia

do bel. Romildo Leite, o cel. Manuel Expedito Sampaio. Ambos visitarão centros de treinamento e serviços da polícia norteamericana, a convite do Departamento de Estado.

Compareceram ao embarque o secretário da Segurança, sr. Costa Cavalcanti e o sr. R. Gleason, do Ponto IV.

RIO GRANDE DO SUL

LEI BÁSICA PROVOCA INTERESSE

Iniciativa de alta relevância tomara o cmt. do CIM, ten. cel. Tomás Pereira de Vasconcelos, inscrendo nos programas de ensino ciclos de conferências sobre os mais variados assuntos que interessam à formação dos oficiais de Polícia Militar. Um dos assuntos escolhidos para uma destas conferências foi o projeto de Lei Básica das Polícias Militares. Foi convidado para falar sobre o assunto, que dia a dia, vem empolgando a família miliciana brasileira, o cap. Aldo Danesi. Depois de ter discorrido sobre o conteúdo do projeto e comentado as emendas sofridas nas Comissões de Constituição e Justiça, Segurança Nacional e Finanças, foi aberto debate sobre o assunto. Os cadetes, em número de duzentos, manifestaram-se interessadíssimos e formularam variadas perguntas.

Ao ensejo foram focalizados também os dispositivos da Lei 192, já superados, e as vantagens que trará o projeto em pauta, se aprovado, para a segurança pública no Brasil inteiro.

Trazendo ao conhecimento dos milicianos brasileiros, o que vai pelos Pampas, em relação ao projeto Ulisses Guimarães (Lei Básica), esclarecemos que os informes abaixo foram «cosinhados» dentre o noticiário médio da imprensa portoalegrense

A já conhecida emenda obstrucionista do dep. Meneses Côrtes, pretendendo subordinar as Polícias Militares inteiramente às Polícias Cívís, bem como outros aspectos do projeto Ulisses Guimarães, mereceram, da parte do comando da Brigada Militar, uma atenção especial. Para isso, aquêlê comando nomeou uma comissão de dez oficiais, dos quais citamos os ceis. Horizonte Luís Fernandes, Tomás Pereira de Vasconcelos e major Nelson Amorelli Viana, dos quais o primeiro e o último eram assessores militares da secretaria da Segurança Pública, cujo titular é o cel. Moacir Aquistapace (EB).

Solicitado apóio da Segurança Pública e da Casa Militar

Tendo a Brigada Militar, através daquela comissão e opinião unânime da milícia, considerado inconveniente a emenda do deputado Meneses Côrtes, foi solicitado apóio do secretário da Segurança Pública e do sub-chefe da Casa Militar do Palácio Piratini, major Neme, em favor da causa policial-militar, os quais se prontificaram a colaborar no sentido de evitar a sua aceitação.

Secretário promete, mas passa para o outro lado

Ao mesmo tempo em que se prontificava a colaborar com a Brigada Militar, visando a atender às aspirações policiais-militares, Aquistapace acolhia representação da Polícia Civil em sentido contrário. Enquanto obstruia o parecer encaminhado pelos brigadianos, deixando de lhe dar andamento, aquêlê secretário do govêrno gaúcho despachava o que favorecia a Polícia Civil. Para isso, enviou à Brasília o delegado João Francisco Baladão, membro do Conselho Superior de Polícia Civil do Estado, para informar ao deputado e general Meneses Côrtes, dos propósitos da oficialidade da milícia sulina.

Esse ato desleal do titular da Segurança Pública para com os milicianos provocou a renúncia do major Nelson Amorelli Viana, um dos assessores do cel. Moacir Aquistapace.

Outros fatos estabeleceram a «diferença» entre o secretário da Segurança Pública e a oficialidade da Brigada, dos quais citaremos o caso da fiscalização das dívidas dos oficiais e praças, exercida pessoalmente pelo cel. Aquistapace, mas com a repulsa dos brigadianos, que a qualificaram de humilhante.

APARTAMENTOS E CASAS PARA OFICIAIS E PRAÇAS

O Cel. Diomário Moojen, Cmt. Geral da Polícia Militar riograndense, desde que assumiu o comando da milícia, vem envidando o melhor dos seus esforços no que diz respeito à assistência social de seus comandados. Para tanto, através do Serviço de Engenharia, que obedece à chefia do ten. cel. eng. Solon Pelanda Franco, deu início à construção de apartamentos e casas para oficiais, subtenentes, sargentos, cabos e soldados.

Somente no período de seu comando foram construídas: 26 casas para cabos e soldados, 12 casas para subtenentes e sargentos e 8 apartamentos para oficiais, na cidade de Santa Maria; 6 apartamentos, situados à rua cel. Aparício Borges, na Vila Militar das Bananeiras (Capital), tudo num total de 52 residências.

O setor de Destacamentos Policiais Militares também está merecendo especial atenção do cmt. Moojen. Disseminados pelo interior do Estado, a maioria se acha instalada em prédios alugados de particulares, os quais, além de acarretarem ônus para o Estado, não apresentam condições de acomodação adequada a uma tropa policial-militar encarregada da segurança e da tranquilidade pública da localidade a que serve.

Os destacamentos de Vacaria e Lagoa Vermelha estavam em condições precárias. Logo que o 1.º ten. Rivadávia Danesi assumiu o seu comando, acumulativamente com os de Lagoa Vermelha, Sananduva e São José do Ouro, formando um agrupamento de destacamentos, solicitou e obteve o integral

apóio do cel. Moojen, para a construção de quartéis para os dois primeiros citados. Com recursos de economia da própria Força e mão de obra dos componentes dos destacamentos, já estão em fase adiantada de construção. Possuindo uma área de 282 m², os prédios (Lagoa Vermelha e Vacaria) estão sendo construídos em estilo funcional. São dotados de repartições internas amplas, sendo que só os alojamentos destinados às praças solteiras a sua área é de 123 m², visando a dar o máximo de conforto possível a seus integrantes. Nota digna de citação é o entusiasmo dos dedicados policiais-militares que dobram na escala de serviço para que seus colegas que trabalham na construção possam a ela melhor se dedicar.

Outro fato digno de nota, é com referência ao destacamento de Sananduva, cujo cabo comandante, sentindo a precariedade de condições em que sua tropa estava alojada, pôs mão na obra. Consegiu material com a Prefeitura e, à frente de seus comandados, construiu um belo prédio que arrancou aplausos da população sananduvense.

MAIS UMA INOVAÇÃO NO DESTACAMENTO DE VACARIA

O Grupo de Policiamento sistema "Pedro e Paulo" do Destacamento da Brigada Militar, de Vacaria, que bons serviços tem prestado à população da "Rainha do Planalto", acaba de lançar uma inovação: uma dupla montada em bicicletas. Com a mesma o policiamento melhorou, pois que a dupla poderá abranger uma área de vigilância muito maior. Com a chegada do novo delegado de polícia, sr. Dario Antônio Freitag, procurou êle, desde logo, estabele-

lecer um plano de policiamento para a cidade. Reuniu-se com o ten. Riva-dávia Danesi, e com o inspetor Iran Bitencourt da Silva, diretor da Guarda Noturna. Da reunião, resultou o estabelecimento de um plano de policiamento, perfeitamente entrosado entre a policia militar e a guarda noturna. Dê-se entrosamento, por certo, resultará grandes benefícios para aquela cidade.

ENTIDADE DE CLASSE DOS OFICIAIS DA BM

Movimentam-se os oficiais da Brigada Militar no sentido de ser criada uma entidade que congregue tôda a officialidade brigadiana e seja defensora dos interesses da classe.

Duas correntes estão em evidência nesse movimento: uma que visa transformar o atual Clube Farrapos (recreativo e social) em entidade de classe: outra, que visa à criação de um "Circulo Militar", com o fim exclusivo de tratar dos interesses dos policiais-militares sulinos.

Duas assembléias de oficiais já foram realizadas nesse sentido, sendo que o assunto será debatido agora em assembléia geral do Clube Farrapos.

Uma comissão foi nomeada pela referida assembléia, para proceder estudos sôbre o Estatuto do Clube Farrapos e apresentar um corpo de emendas visando à sua reforma, que ficou assim constituída: presidente, ten. cel. Tomás Pereira de Vasconcelos; secretário, major Pedro Celeny Simões Pires Garcia; membros: cel. da reserva Dirceu Assis Canabarro Trois, ten. cel. eng. Solon Pelanda Franco, majores Aquiles Gomes da Silva, Nelson Amoreli Viana, Clyton Batista Ruperti, capitães José Antônio Rodrigues Rita, Viriato Natividade Duarte, Ademar de Oliveira e ten. Alceno Renato Patzinger.

A referida comissão já concluiu seus trabalhos, cujos postulados serão debatidos em nova assembléia geral do Clube Farrapos.

É pensamento da maioria organizar um Clube de Oficiais nos moldes do da Fôrça Pública de São Paulo, cujo trabalho realizado em beneficio da familia miliciana brasileira já ultrapassou as fronteiras do seu Estado, sendo, hoje conhecido e citado como exemplo de dedicação à causa das Policias Militares, em tôdo o territrio Nacional.

ATO HERÓICO DE UM «PEDRO E PAULO»

O soldado Dulcino Leal Cardoso dirigia a viatura que conduzia a guarnição de «Pedro e Paulo» para os postos de serviço. Até aí, nada de novo. Acontece, que ao passar pela av. Ipiranga teve sua atenção despertada para dois homens que se debatiam nas lamacentas águas do Riacho. Sem vacilar, Dulcino lançou-se n'agua, fardado, salvando as duas vítimas de morte certa. Sua atuação foi tão rápida que os componentes da guarnição nem tiveram tempo de auxiliá-lo.

O oficial de serviço ao Batalhão Policial, que presenciou o gesto do seu motorista, o cumprimentou perante as demais praças.

O Rotary Clube Pôrto Alegre Sul, ao tomar conhecimento, através da imprensa, do ato heróico do «Pedro e Paulo» Dulcino Leal Cardoso, per-

tencentado ao 1.º Batalhão Policial, prestou-lhe s'gnificativa homenagem na sede do Clube Jangadeiros, na Tristeza. O homenageado foi saudado, em nome da entidade rotariana, pelo dr. Rui Gaspar Martins, que, além de exaltar o alto espírito de desprendimento evidenciado pelo sd. Dulcino na ação altruística que tivera ao salvar aqueles homens, destacou o trabalho realizado até agora pelo 1.º Batalhão Policial («Batalhão Pedro e Paulo»).

Compareceram à cerimônia, além do romesageado, o cap. Luiz Ipanema, comandante interino do Batalhão e o 1.º ten. Aderbal Amorim, oficial de Relações Públicas dos «Pedro e Paulo».



Aspecto da homenagem que o Rotary Clube Pôrto Alegre Sul, prestou ao «Pedro e Paulo» Dulcino Leal Cardoso (seta).

“PEDRO E PAULO” — NOTÍCIAS

Com a transformação da antiga Cia de Polícia em Batalhão, novos encargos lhe foram conferidos. Assim os 5.º e 9.º Distritos da Capital Gaúcha passaram a serem policiados pelos componentes do BP.

O nono Distrito é composto de trinta e duas vilas operárias compor-

tando um têtço da população da Metrôpole; sómente a Vila do IAPI, conta com mais de cem mil habitantes, e é considerado o maior conjunto residencial do Brasil. Para a maior eficiência dos serviços a serem prestados pelo BP, resolveu o seu comandante, instalar naquele Distrito a séde da 3.a Cia., que obedece ao Comando do cap. Fernando Bandeira Bohrer.

Postos de Trânsito foram desde logo instalados pelo cap. Bohrer, colocando nos cruzamentos de maior movimento duplas de PP. Foram também instalados vários postos fixos, entre os quais podemos citar os da Vila Jardim-Itú que foi construído pela própria população e doado pela Associação do Bairro ao BP. Esse Destacamento de PP passou a contar com um cabo e quatro soldados, cujo patrulhamento é feito em bicicletas.

Nova turma de PP

Em solenidades levada a efeito no pátio do 1.º Btl. (Pedro e Paulo) prestou juramento mais uma turma de 40 novos policiais-militares aptos para prestarem serviços de policiamento preventivo-ostensivo da Capital. Compareceram a esta solenidade, o cel. Moacyr Aquistapace, secretário da Segurança Pública, cel. Diomário Moojen, cmt. geral da BM, cmts. de corpos e chefes de serviços da Polícia Militar riograndense.

"Pedro e Paulo" honorários

No mesmo dia foram outorgados, pelo cel. Diomário Moojen e cmt. do 1.º BP, ten. cel. Plínio de Figueiredo Pinto, diplomas de "Pedro e Paulo" honorários aos cel. Moacyr Avelar Aquistapace, secretário da Segurança Pública ao sr. Júlio Castilhos de Azevedo e ao jornalista Luís Carlos Costa. O título de "Pedro e Paulo" honorário foi instituído para ser conferido às pessoas que se destacam como amigos dos "PP". O cel. Aquistapace, desde que assumiu a secretaria de Segurança Pública, procurou sempre dotar a unida-

de de viaturas necessárias para o bom funcionamento dos serviços policiais. O sr. Júlio de Castilhos, como presidente do Sindicato das Estações e Agências Rodoviárias do RGS, desde a criação dos "PP", em 1955, destacou-se sempre como um grande amigo dos "Pedro e Paulo"; e o jornalista da "Folha da Tarde", evidenciou-se também desde a criação da então Cia de Polícia pelo modo sensato de agir, dando divulgação das boas ações praticadas pelos "PP" e, principalmente, pelo espírito combativo que sempre teve, defendendo os "PP" toda vez que interesses políticos procuraram anular o trabalho dos componentes do BP.

PELOTAS JÁ CONTA COM "PP"

Com belíssima solenidade frente à Prefeitura Municipal de Pelotas, o 3.º Regimento de Polícia Rural Montada (antigo 4.º BC) lançou, na segunda cidade do Estado, um Pelotão dos conhecidos "Pedro e Paulo", comandados pelo ten. Orestes Pereira dos Anjos, a cujo espírito de sacrifício e abnegação muito se deve a formação desses policiais modernos com que a Brigada Militar está brindando o povo gaúcho.

Presentes o deputado João Carlos Gastal, prefeito Municipal, cap. Cicero de Souza Dias, cmt. Int. da Unidade, e altas autoridades federais, estaduais e municipais, prestaram juramento os "Pedro e Paulo" pelotenses.

Em mais esse empreendimento contou a Brigada Militar com o incentivo e apoio inconfundível do prefeito João Carlos Gastal, que, inclusive colocou uma viatura da prefeitura à disposição dos "Pedro e Paulo".

Tristeza é bairro de Pôrto Alegre que tem

A foto nos mostra «uma obra feita de idealismo e argamassada de boa vontade». É a estação mista do Corpo de Bombeiros da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, localizada no arrabalde de Tristeza, em Porto Alegre.



bombeiros
felizes:
casa
nova

O seu pessoal atende os subúrbios de Cristal, Ipanema, Cavahada e Belém Novo, bem como a socorros no Rio Guaíba. Essa estação com 400 m², custou apenas um milhão de cruzeiros ao Estado, porque foi construída com mão de obra própria do C.B. gaúcho. Contudo, o cinturão de ferro contra o fogo só estará completo, quando forem inauguradas as estações de Partenon, Vila Jardim, Menino Deus, Teresópolis, Aeroporto Federal e Belém Novo.

Ô QUE VAI PELO CORPO DE BOMBEIROS

Em face da reestruturação havida na Fôrça, e conseqüente aumento de efetivo, surgiu a necessidade de ampliação dos quadros, que até então estavam centralizados no CIM, passaram para os Corpos de Tropa; assim o Curso de Formação de Sargentos está sendo feito agora no 1.º Batalhão de Guardas (Ex-1. BC) sediado na Praia de Belas; o Curso de Formação de Cabos está sendo feito no 3.º Batalhão Policial (Ex-3.º BC) também sediado na Capital.

Por sua vez o Corpo de Bombeiros passou também a formar seus próprios graduados na sede do seu Quartel Central situado no Bairro Petrópolis.

Para proferir a aula inaugural dos Cursos de Formação de Sargentos e Cabos, o Comandante do CB, ten. cel. Aristides Monteiro, convidou o Bombeiro n.º 1, como é conhecido entre os soldados do fôgo, o Coronel TISIANO FELIPE LEONI, cujo discurso, constituiu peça de transcendental importância para aquêles que se dedicam à perigosíssima missão de combater o inimigo voraz, que é o fôgo.

Ao ato compareceram, além do Cel. Diomário Moojen, o representante do Secretário de Segurança Pública, Dr. Oscar Alves da Silva, Cmts. de Corpos, Chefes de Serviços e oficiais instrutores e professores do novo curso, entre os quais êste correspondente.

HOMENAGEM AO GENERAL OSVINO

Com a nova comissão dada ao gen. Osvino Ferreira Alves, que vi-

nha comandando o III Exército há quase dois anos, o cel. Diomário Moojen, cmt. da Brigada Militar o homenageou no galpão gaúcho do Clube Farrapos, com um churrasco. S. Excia. que sempre foi um grande amigo da Fôrça, em seu discurso de agradecimento, recomendou ao seu substituto, gen. José Machado Lopes, que dispensasse à Brigada Militar o melhor do seu carinho, como êle sempre o fêz, pois trata-se de uma Fôrça disciplinada e cõscia de sua missão constitucional.

Compareceram ao evento, o governador Leonel Brizola, o gen. José Machado Lopes, o cel. Moacyr Aquistapace, secretário da Segurança Pública; vários oficiais generais do Exército que se encontravam na Capital; Cmts. de Corpo e Chefes de Serviço da BM, além da imprensa falada e escrita.

RIO DE JANEIRO

CLUBE DOS OFICIAIS DESMENTE BOATO

Em nota distribuída à imprensa, no dia 27 de setembro, o Clube dos Oficiais da Polícia Militar esclareceu que não tem fundamento a notícia de crise ou muito menos rebelião na Polícia Militar fluminense e que a agremiação repudiava os elementos que, ligados à PM, fôssem os responsáveis por tais notícias inverídicas.

Consta que o cel. Túlio Madruga, comandante da milícia, receberia moção de solidariedade por parte de elementos da corporação.

25 anos
comemorou

o Batalhão de Guardas da F. P. de S. Paulo

O Batalhão de Guardas da Força Pública tem 25 anos. Comemorou seu jubileu de prata quando ia mais aguda a recente crise político-militar que abalou a nação. Foi em 1.º de setembro do ano em curso. Acontecimento de repercussão mundial abafou, em parte, as solenidades. Tudo era apreensão, naqueles dias. Mas, no quartel do BG, a data foi comemorada. Os begeínos, cientes de sua responsabilidade diante da crise, perfilaram-se em honra da unidade e de seus fundadores.

SANTA CATARINA

2.º BATALHÃO TEM NOVA SEDE

Por decreto da chefia do Executivo, foi transferida a sede do 2.º Batalhão de Polícia, da capital para a cidade de Chapecó. A unidade ficará sob o comando do ten. cel. Newton Lemos do Prado.

PM NO CAMINHO DO REAPARELHAMENTO E DA ASSISTÊNCIA SOCIAL

Continua o Comando da Polícia Militar do Estado, tendo à frente o coronel Antonio de Lara Ribas, de-

envolvendo ingentes esforços a fim de dotar a centenária Corporação de condições indispensáveis ao preenchimento de suas reais finalidades. Como se sabe, por motivos os mais diversos, a Polícia Militar de Santa Catarina estava a exigir uma orientação mais condizente com o seu passado glorioso de tantas e tão honrosas tradições. Desde a assistência ao soldado até o reaparelhamento de seus vários e importantes setores, providências efetivas vêm sendo tomadas para a concretização daquilo a que se deve denominar "reencontro do caminho da ordem, justiça e disciplina".

Presente o cel. Oldemar Ferreira Garcia, comandante geral, e representantes da oficialidade das demais unidades, além de outras autoridades, tiveram início as cerimônias. Compareceram também o Corpo Musical da corporação e o Coral da Light.

O programa dos festejos foi o seguinte: 6 horas — toque festivo de alvorada; 7,30 horas — formatura e revista da tropa; 8 horas — hasteamento da bandeira nacional; 8,10 horas — recebimento da bandeira pela tropa; 8,25 horas — continência às autoridades e revista à tropa pelo comandante geral; 8,30 horas — leitura do boletim comemorativo e entrega de flâmulas a ex-comandantes do Batalhão, efetuada pelo cel. Oldemar Ferreira Garcia; 9,10 — execução de dobrados pelo Corpo Musical da FP; 9,25 horas — desfile; 10 horas — coquetel aos convidados. Inaugurou-se também, na galeria dos comandantes da unidade, o retrato de seu último comandante, ten. cel. Jaime dos Santos.

O Batalhão de Guardas foi criado em 1.º de setembro de 1936, no governo de Armando de Sales Oliveira e com o então coronel (hoje marechal) do Exército Milton de Freitas Almeida. Seu primeiro comandante foi o ten. cel. Otaviano Gonçalves da Silveira, atualmente coronel reformado. São Paulo sofria ainda as conseqüências do movimento de 1932. O chefe do Executivo estadual precisou usar toda sua energia para começar a reorganização dos órgãos devastados.

O secretário da Segurança Artur Leite de Barros tratou da remodelação da Polícia, o que foi possível graças à harmonia reinante entre as corporações

da época. Na Fôrça, o comandante geral reorganizou os cursos e o serviço. Mas era preciso criar uma unidade de elite. E surgiu o BG. O boletim comemorativo da fundação, rezava:

"Fica, nesta data, definitivamente organizado, no antigo quartel do 2.º BC, como unidade independente, o Batalhão de Guardas da Fôrça Pública de São Paulo. A este novo corpo incumbe, além das missões normais às demais unidades, fornecer as guardas de honra e a do Palácio do Governo e, bem assim, todos os empregados externos na guarnição da capital."

Foi desse quartel que saíram alguns dos maiores soldados da milícia. Um deles foi o cap. Negrão, que se celebrou na primeira travessia do Atlântico Sul realizada por brasileiros. Foi a façanha do hidroavião "Jahu" que, saindo do Velho Mundo, veio pousar na represa de Santo Amaro. O último comandante do batalhão foi o ten. cel. Jaime dos Santos que, durante o governo do presidente Jânio Quadros, desempenhou as funções de chefe do Departamento Nacional da Segurança Pública.

Em seus 25 anos de vida, o batalhão da rua Jarge Miranda vem se aperfeiçoando e adaptando às contingências da vida moderna. Com um efetivo de 790 homens, faz os serviços de guarda de presídios da capital, repartições diversas, Palácio dos Campos Eliseos, Cidade Universitária, monumento do Ipiranga etc. E é sempre responsável pelas honras de estílo a visitantes ilustres.

30 dias na RP

Ocorrências (7000) de todo tipo atendidas pelos patrulheiros

O 12.º BP (unidade de Rádio Patrulha) é um dos batalhões da FP, que presta à coletividade inestimáveis serviços. Para tanto são os seus homens adestrados convenientemente. E disso resulta um entrosamento harmônico entre os deveres primordiais a que estão eles sujeitos: o militar, que faz parte da formação profissional de cada um, e o estritamente policial, decorrente da natureza do serviço a ser executado..

Para que tenham o destaque que merecem, voltamos a falar das ocorrências policiais atendidas pela Unidade, com as suas viaturas de RP, notadamente nos últimos 30 dias, registrando aqui a expressiva cifra de 7426 casos, de natureza mais diversas. Ressaltam eles a necessidade de estar a polícia bem aparelhada para que possa combater com sucesso o crime. O imperativo é de vida ou morte. Sente isso o nosso miliciano. E com boa vontade procura superar as deficiências porventura existentes na parte do policiamento que lhe diz respeito, a fim de que não fique o público privado dos serviços que necessita.

Nêste sentido são praticados às vêzes, pelos patrulheiros, atos meritórios, que apesar de não terem a repercussão merecida, pelas circunstâncias que os envolvem, calam profundamente na sensibilidade das pessoas beneficiadas direta ou mesmo indiretamente por eles.

Predominaram no mês de setembro último as ocorrências sobre desordens (488); ocupando o segundo lugar as agressões (423); vindo em terceiro os atropelamentos (350), seguidos de perto pelos casos de desacato (356), originados pela incompreensão de muitos. Destacaram-se ainda 318 tentativas de homicídios; 192 roubos, e nada menos que 163 assaltos.

Por outro lado, as viaturas de RP transportaram alternadamente para a 8.a CP, e os plantões distritais, 214 indigentes. Atenderam 126 casos com dementes, e 248 acidentes pessoais. Prestaram auxílio a 244 pessoas doentes, e localizaram 193 outras que se achavam perdidas, grangeando a simpatia dos seus familiares.

Assim, rodando dia e noite, hora aqui, hora ali, sem medir sacrifícios, os homens do 12.º BP zelam pela segurança do paulistano, fazendo jus ao respeito que dêle merece.

Merecida homenagem



O cel. Jaime dos Santos cumpriu sua missão, como chefe do Departamento Federal de Segurança Pública. Organizador do policiamento do Distrito Federal, auxiliado por uma equipe da Fôrça Pública, construiu o arcabouço dos serviços de segurança da capital brasileira. Pouco antes de deixar o cargo que ocupava, foi homenageado com um banquete, em Brasília, de que participou grande parte dos servidores do Departamento. Em nome dêles, falou o delegado Hilton Brandão. O orador ressaltou o trabalho dos milicianos paulistas que lá serviam e enalteceu as qualidades do homenageado que, «em apenas quatro meses de trabalho exaustivo, conseguiu obter a admiração e o respeito» de todos. Destacou a obra saneadora do cel. Jaime, «expurgando os males existentes, trazendo a tranqüilidade e a paz àquêles que desejavam realmente produzir», tudo sem métodos desumanos e medievais, tão do agrado dos «pseudo-policias, que já não encontrarão campo propício para sua ação nefasta e primitiva». Na foto, o cel. Jaime agradece a homenagem.



Depois dos folguedos, alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

Canção do 11.º B.P. da F.P.

Letra

Cap. Antonio Mendes

I

Do undécimo B. P.
Somos, com orgulho profundo
Ligados à D. S. T.
Nosso trabalho é fecundo

II

Aos cidadãos Paulistanos
Proteção oferecemos;
Como bons milicianos
As infrações combatemos

III

O tráfego dirigimos
Com senso e atenção;
O infrator só punimos
Em pról da população

IV

Com sol e chuva operamos;
Em nosso trabalho diário
Corrigimos e acertamos
Nosso sistema viário

V

Ocorrendo um acidente
O que é sempre lamentado,
Prestamos socorro urgente
E ajuda ao acidentado

às freiras do H. Militar

SALMO

Alfredo Teijó

uço as freiras cantar constantemente
Alegrando o meu quarto do Hospital...
Cantam em voz suave e magistral
A prece erguida ao mundo impenitente.

Encerra o canto um hino comovente,
Que prende o pensamento à lei moral...
Leva esse canto, à geração do mal
A paz que lhe claudica no presente,

As freiras aduçoaram asperezas;
Nas suas orações capitulares
Fazem viver florais e sutilezas!

Esse canto de amor e de perdão,
Perfuma a santidade dos altares,
E toca fundamente o coração!



Publicações recebidas

FARRAPOS — vanguarda da imprensa miliciana. Mais um número do mensário gaúcho foi entregue ao público. Foi a primeira edição posterior à crise. Tôda a imprensa da nação se opôs ao golpe militar. «Farrapos» não poderia falhar. Assim é que deu o destaque merecido ao noticiário daqueles dias. Tôdas as atividades do brigadianos em favor da legalidade são historiadas, embora resumidamente. Num poema assinado por Jam Illeroma, o autor é pessimista: «Continuará sem pão, sem livro e sem abrigo, — O caipira mineiro, o guasca riograndense, — O caboclo nordestino, — Enfim, o povo brasileiro». Fala em traidores e líderes covardes. Exalta com justiça dois heróis — o gaúcho e o goiano. «Os outros — diz o poeta — ficaram... — Ficaram e pediram para esperar mais um pouco.» Mas tem a espontaneidade da verdadeira poesia. O editorial depois de frisar que o plano de «conhecidas raposas do golpismo» falhou pela resistência democrática que eles não esperavam, recomenda vigilância para repelir a prepotência sem desfalecimentos. Ao lado disso, há uma entrevista do deputado Francisco Julião sobre reforma agrária e notícias diversas. Redação e administração em Pôrto Alegre; diretor responsável — cel. Wolmi e Missões Coccorni; redator-chefe — cel. Dirceu Trois; secretário — cel. Otacílio Barbosa; gerente — major Aquiles Gomes da Silva; redatores — cel. João Artur da Fonseca, cel. Rui Fonseca e ten. cel. Nei Bueno.

PN, órgão semanal da Empresa Jornalística PN S/A — n.º 504, de novembro de 1961. Diretores: Manuel de Vasconcelos e Genival Rabêlo; chefe de redação: Severino M. Carneiro; assistente de redação: Valmir B. Monteiro.

FARRAPOS, número de julho/961, órgão de divulgação de assuntos militares da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Diretor responsável: Wolmi de Missões Coccorni; redator chefe: cel. Dirceu Trois; secretário: cel. Otacílio Barbosa; gerente: major Aquiles Gomes da Silva.

REVISTA CARABINEROS DE CHILE, publicação bimestral, dos carabineros de Francisco Sepulveda Valejos; chefe de

bineros do Chile. Diretor: ten. cel. redação e administrador: cap. Rene Peri Fragestom.

HIPISMO, n.º 1, de abril/961, órgão destinado à divulgação técnico-esportiva de equitação. Redação e administração: ten. Plinio Ivar da Rosa; rev. de assuntos técnicos: cel. Júlio Danton C. Trois; revisão geral: cap. Odilon Alves Chaves.

A DEFESA NACIONAL, revista das Fôrças Armadas — n.º 600, de março/961. Diretor-presidente: gen. João Batista de Matos; diretor-secretário: cel. Airton Sargueiro de Freitas; diretor-gerente: ten. cel. João Capistrano Martins Ribeiro; chefe da expedição: major Dario Ribeiro Machado.

NOSSOS CORRESPONDENTES

- ACRE (G.T.): Q.G., Rio Branco — sgt. José da Costa Torres.
- ALAGOAS (P.M.): Q.G., Maceió — cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho; Destacamento Policial: São Braz — sgt. José Pereira da Silva.
- AMAPA (G.T.): Sede, Macapá — ten. Uladih Charone.
- AMAZONAS (P.M.): Q.G., Manaus — major José Silva.
- BAHIA (P.M.): Palácio da Aclamação — major Edson Franklin de Queirós; 2.º B.C., Ilhéus — cap. Horton Pereira de Olinda; 3.º B.C., Juazeiro — cap. Salatiel Pereira de Queirós; Corpo Municipal de Bombeiros: Salvador — cap. Alvaro Albano de Oliveira.
- CEARÁ (P.M.): B.I., Fortaleza — major Delídio Pereira.
- GOIÁS (P.M.): cap. Hozanah de Araujo Almeida.
- GUANABARA (P.M.): Q.G., cap. Luiz Alberto de Souza, R.C. — ten. Hernani Alves de Brito; 6.º B.I. — ten. Ênio Nascimento dos Reis; C.B. — ten. Fernando Machado.
- ESPIRITO SANTO (P.M.): Q.G., Vitória — cap. Jefferson G. Sarmento.
- MARANHAO (P.M.): Q.G., São Luiz — cap. Euripedes B. Bezerra.
- MATO GROSSO (P.M.): Comando Geral e 1.º B.C., Cutabá — ten. Per-núfio da C. Leite Filho; 2.º B.C. Campo Grande — ten. Edgard A. de Figueiredo; 2.ª Cia. do 2.º B.C., Ponta Porã — sgt. Francisco Romeiro.
- PARÁ (P.M.): Q.G., Belém — major dr. Valter da Silva.
- PARAÍBA (P.M.): Q.G., João Pessoa — ten. Sebastião S. Serpa
- PARANÁ (P.M.): Q.G., Curitiba — ten. Edson Graeser.
- PERNAMBUCO (P.M.): Quartel do Derbi, Recife - major Olinto de E. Ferraz
- PIAUI (P.M.): Q.G., Teresina — ten. Raimundo C. de Vasconcelos.
- RIO DE JANEIRO (P.M.): Q.G., Niterói — cap. Ademar Guilherme.
- RIO GRANDE DO NORTE (P.M.): Q.G., Natal — ten. José G. Amorim.
- RIO GRANDE DO SUL (B.M.): Q.G., Pôrto Alegre — cap. João Aldo Danesi; 2.º R.C., Livramento — cap. Carlos Cravo Rodrigues.
- SANTA CATARINA (P.M.): Q.G., Florianópolis — cap. José Fernandes; 3.ª Cia Isolada, Canoinhas — ten. Edgard C. Pereira.
- SÃO PAULO (F.P. — representantes do Clube dos Oficiais): BG — ten. Orlando Menezes; 1.º BP — ten. Paulo A. Figueiredo; 3.º BP (Ribeirão Preto) — cap. Paulo M. Serrat F.º e tens. Wagner P. Menezello-Clovis C. Azevedo (1.ª Cia. — Barretos) e Plínio Vaz (2.ª Cia. — Casa Branca); 4.º BP (Bauru) — cap. Domicio da Silveira e ten. Paulo Rodrigues (2.ª Cia. — Araçatuba); 5.º BP (Taubaté) — cap. Cândido Augusto Rego e ten. Emério B. Monteiro; 6.º BP (Santos) — cap. Gilberto Tuiuti Vila Nova e ten. Paulo de T. Piza; 7.º BP (Sorocaba) — cap. Alvaro Parreiras e ten. Antônio Carlos M. Fernandes; 8.º BP (Campinas) — tens. João José B. Brito e Evandro Martins (Piracicaba); 9.º BP — tens. Francisco Rodrigues e João B. de Camargo; 10.º BP — tens. Henrique Nogueira e João de O. Leite; 11.º BP — ten. Moyses Szanbok 13.º BP — ten. José Darci Cesar Ceriari e Valdomiro Cristiano; CFA — ten. Horácio Bozon; 1.ª CI — ten. Adelino R. dos Santos; 2.ª CI — cap. Alcides Lelis Moreira; 3.ª CI — ten. Julijandir Corrêa; CIB — cap. Paulo M. Pereira e ten. Pedro Francisco Gasparini; CB — tens. Luís Augusto Savioli, Joel Avoleta e Jocil C. da Mota; CPF — cap. Mário Montemor; SF — Jonas Simões Machado; SI — Tens. Alvaro P. Altmann; STM — José Varela; S. Subs. — ten. Adorvando Sanches.
- SERGIPE (P.M.): Q.G., Aracaju — cap. Renato de Freitas Brandão.

MILITIA

Diretor Geral: cel. Efraim Bratfisch Lastebasse.

Diretor responsável: Francisco Vieira da Fonseca

Redator-chefe e secretário: 1.º ten. Wanio José de Mattos.

Tesoureiro: cap. Ricardo Gonçalves Garcia.

Responsável pelo serviço de oficinas: subten. André Vitória Filho.

Propriedade: Clube dos Oficiais da Força Pública do Estado de São Paulo av. Tiradentes, 908 — São Paulo, SP — Brasil. Fones: externo — 32-2884; interno — 298.

Redação e administração: rua Alfredo Maia, 106 — São Paulo. Fones: externo — 34-6488; interno — 126.

Oficinas — Tipografia da Força Pública — rua Alfredo Maia, 106.

Redatores: cel. José Anchieta Torres cel. capelão Paulo A. Cavalheiro Freire, cel. Bento Barros Ferraz, ten. cel. Rodolfo Assunção, ten. cel. Olívio Franco Marcondes, major Felix de Barros Morgado, major Olímpio de Oliveira Pimentel, major M. Sendin, major Francisco Antônio Bianco Jr., cap. Paulo Monte Serrat Filho, cap. Hildebrando Chagas da Silva cap. Sérgio Vilela Monteiro, cap. méd. Plirts Neto, cap. méd. O.P. dos Santos Abranches, cap. Mateus Felix de Moura, 1.º ten. Paulo Wilsso de Oliveira Bueno, 2.º ten. Moyses Szajnbock, 2.º ten. Juraci M. S. Fernandes.

A revista não se responsabiliza por conceitos emitidos pelos autores em trabalhos assinados.

Assinatura por 6 números Cr\$ 150,00
Exemplar avulso Cr\$ 30,00

NOVO ENDEREÇO

Não deixe de nos comunicar o seu novo endereço — Preencha o cupom abaixo remetendo-o à **MILITIA** — Rua Alfredo Maia n.º 106 — São Paulo.

Nome

Pôsto R.E. Unidade.....

Rua N.º

Cidade Estado

Não escreva carta — Preencha apenas o cupom